

Privatizações: o Brasil na xêpa

No apagar das luzes da administração mais desastrosa da história do país, Bolsonaro promove um novo ataque contra o povo ao marcar para 13 de junho a venda da Eletrobrás. Planalto vendeu refinaria da Petrobrás no Ceará por metade do preço. Entreguismo vergonhoso

Arte: Olímpio

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 30 de Maio de 2022 N° 60

Nova troca de comando da Petrobrás. Mas tarifas sobem

Jaques: "No exterior, Brasil só volta ao normal com Lula"

Violência. Mais um massacre no Rio: 25 mortos

Como o PT salvou o país? Com política habitacional

Elon Musk é bajulado pelo governo subserviente



focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário), Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338



NESTA EDIÇÃO

ENTREGUISMO: VENDA DA ELETROBRÁS É VERGONHOSA

Fernando Frazão/ABR



O governo Bolsonaro marcou para 13 de junho a entrega da Eletrobrás ao mercado financeiro, no que pode ser apontado desde já como mais um crime lesa-pátria do Palácio do Planalto. Enquanto isso, avança o desmonte com a venda da refinaria da Petrobrás no Ceará por metade do preço. Oposições já entraram com recursos na Justiça.

Página 12

EDITORIAL. Chapa Lula e Alckmin traz esperança e mobiliza o melhor da Nação

Página 4

ENTREVISTA. Para Jaques Wagner, não há clima fora do país para um golpe

Página 6

PETROBRÁS. Bolsonaro faz novo jogo de cena e troca o comando da estatal

Página 15

DESMONTE. Entreguismo continua. Refinaria vendida pela metade do preço

Página 16

TRAIÇÃO. Think Tanks de generais querem distopia para o país em 2035

Página 17

ESQUEMA. Instituto Sagres também foi atendida com recursos pela Codevasf

Página 19

ATAQUE. Deputado-general tenta cobrar mensalidade em universidades públicas

Página 20

PAPELÃO. No governo dos jecas, a vinda de Elon Musk revela a velha subserviência

Página 21

PESQUISAS. Datafolha mostra Lula com 54% dos votos válidos no 1º turno

Página 23

OÁSIS. Com movimentos populares, Lula diz que povo matará sede de justiça

Página 25

CHACINA. Nova operação resulta em banho de sangue em favela no Rio

Página 27

VIOLÊNCIA. Motociclista asfixiado em câmara de gás por agentes rodoviários

Página 29

ECONOMIA. Como o PT salvou o Brasil? Ampliando a oferta de moradias

Página 30

HISTÓRIA. Refundação da UNE em 1979 e o Luz para Todos batendo recorde

Páginas 32 e 33

OBITUÁRIO. O sindicalista e ex-prefeito Jacó Bittar morre em Campinas

Página 34



LULA, ACOLHIMENTO E ESPERANÇA!

Aloizio Mercadante

Os números recentes das últimas pesquisas, em especial do Datafolha, apontam para o avanço consistente e generalizado das intenções do voto no presidente Lula. Chama a atenção a força da candidatura entre os mais pobres, as mulheres, a população negra e a juventude. Revelam também aquilo que defendemos há algum tempo: a campanha está completamente polarizada e sem espaço para a chamada terceira via, em uma espécie de

segundo turno antecipado.

No DataFolha, Lula abriu 21 pontos sobre Bolsonaro e está com 54% dos votos válidos, o que aponta, neste momento, para uma possibilidade de vitória já no primeiro turno. O ex-presidente também ampliou a vantagem de 21 para 25 pontos sobre Bolsonaro em um cenário do segundo turno.

Não menos importante é a análise dos índices de rejeição dos dois candidatos. A rejeição de Lula diminuiu 4 pontos percentuais, atingindo 33%, enquanto a de Bolsonaro segue com um proibitivo índice 54%. Ademais, a

reprovação ao atual governo, de 48%, dá a medida do fracasso do governo Bolsonaro na dimensão essencial de uma disputa política: a vida do povo.

A história nos mostra que, em todas as campanhas presidenciais desde 1989, todos os candidatos que lideravam as pesquisas a quatro meses das eleições acabaram vitoriosos. A única exceção foi justamente a eleição de 2018, em que a Lula liderava todas as pesquisas e seguramente também venceria aquele pleito, mesmo de dentro do cárcere de Curitiba, mas foi alijado da disputa pela farsa jurídica e pelo

lawfare, reconhecidos pelo STF e pela ONU, da desmoralizada Lava Jato.

O fato é que quanto mais o povo compara os governos Lula com o de Bolsonaro, mais Lula cresce. O ex-presidente terminou o governo com 87% de aprovação e entregou um país com estabilidade, que registrou a maior média de crescimento do PIB em duas décadas, com respeito integral à democracia e às instituições, com aumento da renda do povo, inflação controlada, redução da desigualdade, emprego de qualidade, mais oportunidades para todos, especialmente os mais pobres, com avanços significativos na área ambiental e projeção e protagonismo internacional inéditos na história do Brasil. Sem falar em políticas públicas consagradas, que mudaram a vida das pessoas e que estão nas mentes e no coração do povo, como o Bolsa Família, o aumento real do salário mínimo, o Luz para Todos, a ampliação das nossas universidades, o Prouni, o Fies, o SAMU, a Farmácia Popular, entre outros.

Do outro lado, Bolsonaro terá que defender um governo responsável pela volta do desemprego aberto, da miséria e da fome. Foi por sua gestão que a economia está em frangalhos e a inflação, acima de dois dígitos. Isso corrói de forma cruel a renda do povo. Sem falar nos desmontes promovidos no Estado brasileiro, a devastação ambiental, o terraplanismo diplomático que relegou nosso país à condição de pária internacional, a destruição do tecido social e da relação harmoniosa entre os poderes, as recorrentes agressões à nossa democracia, os ataques às mino-

rias e uma multidão de mortos deixados pelo descaso e pelo negacionismo sanitário na gestão da pandemia.

O crescimento de Lula se explica também pelo reencontro dele com o povo brasileiro. Ele voltou a andar o país e não vai parar mais. Por onde passa, a onda de esperança culmina em atos políticos com nossa militância. É impressionante a força, o engajamento e a moti-

A CHAPA LULA- ALCKMIN É A EXPRESSÃO DO DIÁLOGO, DO ENCONTRO E DA ALIANÇA ENTRE DIFERENTES PARA DERROTAR O ANTAGÔNICO

vação dos militantes nos encontros com Lula.

Para além do mundo político, a construção da chapa Lula-Alckmin é a expressão do diálogo, do encontro e da aliança entre diferentes para derrotar o antagônico, como ensinava Paulo Freire e que foi lembrado por Lula.

Há uma ampla mobilização de artistas, estudantes, intelectuais, centrais sindicais, trabalhadores do campo e das cidades, povos

indígenas, o movimento negro, os jovens de periferia, as mulheres, as universidades e setores comprometidos com os valores civilizatórios e a democracia no Brasil. Foi assim no Rio de Janeiro, em Brasília, em Minas Gerais, em São Paulo, no Paraná e na Bahia. E, seguramente, esse sentimento será ainda mais forte nos estados que Lula visitará daqui para frente.

Frente à derrota que se aproxima, Bolsonaro irá radicalizar mais, como a extrema direita internacional já demonstrou e como ele tem feito ao longo do governo. O desequilíbrio e o desespero do ex-capitão são cada vez mais explícitos e a tendência é que ele intensifique os ataques à democracia, às instituições e ao nosso sistema eleitoral. É esse o método empregado por ele para criar cortinas de fumaça e não debater os problemas reais do povo brasileiro, ao mesmo tempo que mantém a própria base radicalizada e agressiva mobilizada. Por isso, as provocações e mentiras contra a nossa campanha também irão aumentar.

A quatro meses das eleições, o cenário é muito favorável para o nosso campo, mas temos que manter os pés no chão e trabalhar muito, com humildade e determinação, para seguirmos avançando nas disputas das ruas e das redes, locais em que os comitês populares pró-Lula terão papel central.

Nossa campanha não tem que aceitar as provocações e deve continuar debatendo a economia e o social e comparando os governos Lula e Bolsonaro. Estes são os caminhos que explicam o nosso crescimento e que nos levarão à vitória. Lula é o acolhimento e a esperança e, por isso, vencerá. •

“NÃO EXISTE AMBIENTE INTERNACIONAL PARA UM GOLPE NO BRASIL”

Ex-ministro da Defesa e ex-chefe da Casa Civil, o senador eleito pelo PT da Bahia acredita na vitória de Lula porque Bolsonaro enfrenta o desgaste de um governo sem projeto e péssimos resultados: aumento da miséria, volta da fome e mais desigualdade. “No mundo, há uma ansiedade das pessoas para que o Brasil volte a um leito natural e sabem que a pessoa que mais pode ajudar nisso é Lula”, diz

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

Enquanto a chamada “grande imprensa” e parte dos políticos se preocupam com as ameaças que Jair Bolsonaro faz à democracia e às instituições, o senador Jaques Wagner (PT-BA) prefere ignorar o comportamento do presidente da República. Ele avalia que as declarações criminosas são a maneira que Bolsonaro encontrou de ocupar o noticiário e evitar que os problemas reais sejam debatidos. “Quando você fica nessa de ‘vai ter golpe’, ‘não vai ter golpe’ quer dizer que a gente fica admitindo que possa ter golpe. Eu não acho que exista nenhum ambiente internacional para golpe”, aponta.

O parlamentar observa que o ce-

nário eleitoral só deve sofrer alterações a partir de agosto, quando as intenções de voto se cristalizarem e os partidos e candidatos se posicionarem. Apesar de a entrevista ter sido realizada antes da publicação da última pesquisa Datafolha, que indica possibilidade de vitória do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva no primeiro turno, Wagner se antecipou à hipótese. Ele diz acreditar muito na vitória de Lula porque acha que Bolsonaro tem um teto em função do preconceito contra as posições pessoais.

Ex-ministro da Defesa e da Casa Civil, o ex-governador da Bahia por dois mandatos aponta que, após 16 anos no governo do estado, o Partido dos Trabalhadores vai eleger mais um governador. Apesar de carioca, nascido

em um bairro popular chamado Cascadura, Wagner migrou para a Bahia há 48 anos e conhece todas as peculiaridades do estado que o acolheu. A seguir, os principais trechos da entrevista:

Focus Brasil – O senhor foi ministro da Defesa, como recebeu a notícia sobre o projeto de Nação feito por institutos ligados a militares da reserva? A proposta apresenta ideias conspiracionistas, na linha do que vem sendo chamado de “bolsonarismo radical”. O projeto o surpreende?

Jaques Wagner – Mesmo que o conteúdo seja ruim, eu acho que é até bom que se fale em projeto nacional. Eu não acho ruim em si porque o problema desse presidente



é que ele não tem nenhum projeto para o Brasil. Os militares de 1964, com todos os crimes cometidos contra a democracia – embora naquele tempo tivesse a Guerra Fria e ou se estava de um lado ou de outro –, tinham um projeto. E fizeram, na visão deles, coisas importantes. Tem a consolidação da Eletrobrás, a Telebrás, a Itaipu Binacional, mesmo a Transamazônica ficando pela metade era uma visão de defesa do território brasileiro. Existem exemplos de militares que sempre pensaram um projeto de uma grande Nação. Não estou dizendo que eu concordo com nada. Aliás, eu nem li. Vou discutir de projeto para projeto. Hoje, [o governo] não tem projeto. Nenhum. O projeto é a financierização total da economia, é a Petrobrás distribuir dividendos... Só estão preocupados com acionistas, esquecendo-se de fazer o que qualquer empresa faz que é utilizar parte dos seus lucros para fazer investimento. Pararam com as refinarias e

hoje a gente tem 30% de combustível importado, o que onera o preço, além da equivalência de preços com o mercado internacional.

Eu, pessoalmente, não gosto de discutir, não acredito e digo que não haverá golpe no Brasil. Acho, inclusive, que é um erro não só nosso, mas da imprensa em geral que transforma a pauta do presidente na agenda nacional. Ele fala uma bobagem no domingo e a gente passa a semana discutindo isso, em vez de colocarmos na pauta o que é de interesse da nação: emprego, renda, superar a fome que voltou, as questões ambientais... Ou seja, a gente vai ficando na pauta dele e, na minha opinião, até naturalizando. Quando você fica nessa de “vai ter golpe”, “não vai ter golpe” quer dizer que a gente fica admitindo que possa ter golpe. Eu não acho que exista nenhum ambiente internacional para golpe. Acho que outras nações, inclusive os EUA, minha opinião, sabem que uma lide-

rança do Lula é muito mais positiva até porque o presidente atual não é liderança de nada, não consegue liderar nenhum pensamento porque não o tem. A Europa sabe que uma liderança do Lula, não que vá concordar em tudo, mas sabe que é muito mais construtiva porque é uma liderança que pensa o Brasil, América Latina, pensa os países em desenvolvimento, o BRICS.

Não estou dizendo que todo mundo gosta do que ele fala. É como eu digo para alguns que me perguntam meio assustados: “Como será o governo dele?”. E falo assim: “Olha, gente, o susto até se justificava em 2002 e 2003 porque ninguém conhecia o Lula e o PT na Presidência, apesar de já nos conhecer em prefeituras e governos de estados”. Mas eu brinco, assim: “Venha cá, quem vai sentar na cadeira em 2023, a gente ganhando, e a minha convicção é de que a gente vai ganhar, não é nenhum extraterrestre, não é nenhum marciano, é al-

guém que já governou o Brasil por oito anos, caramba. E não é dado a maluquices". Lula é dado a projetos. Ele tem uma obsessão que é novamente, colocar a questão social no centro da agenda e, agora, a questão ambiental pelo caos que virou.

Mas o Lula nunca foi descuidado com a economia. Nós do PT governamos a Bahia por 16 anos, eu quero que me apontem qual foi a irresponsabilidade feita lá. Ao contrário, hoje, somos o segundo estado em investimentos no país. Depois de 17 hospitais construídos, 15 mil quilômetros de estradas, 170 escolas de tempo integral sendo construídas, energia para todo lado, água para todo lado, Minha Casa, Minha Vida para todo lado, cinco universidades federais novas e cheio de investimentos chegando. Eles sabem que o governo do estado da Bahia, do PT e dos seus aliados, é cumpridor de contrato, de palavra, é duro, mas cumpre o que faz.

Esses dias tivemos o anúncio, feito em rede internacional, da Ford declarando que vai dobrar o número de engenheiros na Bahia que passa a ser um centro importante de desenvolvimento de produtos. Estou falando disso porque eu acho que a gente tinha que parar de falar sobre as pautas do Bolsonaro. Eu não aguento mais. Eu não converso mais com nenhum jornalista sobre o tema. "Quer falar do quê?" "Ah, o senhor acha... o senhor conversa com os militares?". Eu digo: "Não, não converso e acho que não vai ter e ponto final. O resto são vocês trabalhando para ele". Sabe aquela frase "falem mal, mas falem de mim"?

– Por conta do crescimento de Lula, da rejeição a Bolsonaro, não acha que a cada dia mostra seu caráter fascista? Ele disse que o lugar do Lula é na ponta da praia. Essa expressão era usada na ditadura para se referir onde se colocava os adversários para serem aniquilados.

– Bom, está se revelando para quem

não o conhecia. Para mim, não tem nenhuma revelação nova. Ele é um fascista e, infelizmente, está aí pela criminalização da política que foi feita pelos nossos adversários políticos e outros adversários empresariais que não sabem conviver com a diferença. Não são truculentos como ele, mas no fundo alimentaram o nosso extermínio e alguns acabaram sendo exterminados da cena política brasileira. Já que falam tanto da nossa autocrítica... Só para colocar as coisas no lugar. As coisas não acontecem por acaso,

LULA É DADO A PROJETOS. ELE TEM UMA OBSESSÃO QUE É, NOVAMENTE, COLOCAR A QUESTÃO SOCIAL NO CENTRO DA AGENDA E, AINDA, O MEIO AMBIENTE

acontecem com a não aceitação da eleição de 2014, da pauta bomba que construíram com o ex-presidente da Câmara para destruir a Dilma. Para passar o impeachment, o número de deputados para votar, foram deputados de todos os partidos e só a nós que pedem autocrítica. Ninguém vai levantar a mão para dizer: "Caramba, erramos ao alimentar uma maluquice daquela". Porque tudo começou ali. A bagunça institucional brasileira começou quando se deu uma rasteira no que há de mais sagrado na democracia

que é o voto popular. Aí começou a bagunça. Depois dessa bagunça, o uso da Justiça para exterminar a maior liderança que foi construída. Não é a única, mas é a maior. Então, sinceramente, para mim, não surpreende nada.

Ele [Bolsonaro] também não é um desconhecido. Ele propôs a exclusão do Gandu na época dele de capitão ou tenente... Sei lá. Depois, aqui, ele fez loas e reverências a torturadores. Teve o comportamento que teve frente a frente às mulheres, homossexuais no Parlamento. Então, não me causa nenhuma surpresa. Quem se surpreendeu e que hoje está, eu diria assim, querendo consertar são os que, inoculados pelo vírus do preconceito contra o PT e o Lula, do preconceito com a política, da criminalização da política, acreditaram num ser humano que não tem nenhum projeto para o país, que não tem princípios, valores, nada. Não sei por que alguém se surpreende. Daquela cabeça, daquela boca, não sairá nada que preste. Então, era melhor não prestar atenção a essa cabeça e a essa boca. Ele não pensa o Brasil.

– E a sua viagem aos EUA como emissário do Lula para uma conversa com o Departamento de Estado sobre garantias da eleição? Saiu na mídia.

– O pessoal adora inventar notícia. Na verdade, eu estive em Harvard porque foram alguns presidenciais e, como o Lula não podia ir, propuseram meu nome, aceitaram e eu fui. Depois, eu fui a Washington para me encontrar com pessoas de uma outra instituição nos EUA, por conta de eu ser o presidente da Comissão de Meio Ambiente para falar da questão ambiental. Em função da postura do atual governo, eu sou procurado desde sempre, antes da COP26, na COP26 e depois também. Esse foi o tema principal. E é óbvio que eu converso com pessoas, não com o Departamento de Estado, mas com pessoas que têm

interface com o governo americano sobre as preocupações com democracia. Converso com o encarregado de negócios dos EUA, com a embaixadora... A gente está sendo muito demandado pela questão ambiental e pela eleitoral. Meu papel é romper obstáculos e diminuir arestas. Isso eu faço. Ontem, estava conversando com gente do mercado financeiro.

Há uma preocupação do mundo inteiro com o Brasil e eu acho que a expressão maior disso foi a viagem do Lula à Europa. Ele foi recebido como chefe de Estado. Há uma ansiedade das pessoas para que o Brasil volte a um leito natural e sabem que a pessoa que mais pode ajudar nisso é Lula. Os EUA não vão e nenhum país vai falar nada em on neste momento porque nenhum país vai querer dizer que interfere. Eles criticam Bolsonaro, mas não vão se meter na eleição, o que eu acho ótimo. Eu não vou defender que ninguém se meta na eleição brasileira. Então, é isso. Eu não tive nenhuma dessas conversas até porque tem gente até mais preparada do que eu no PT para falar na política internacional.

– Essa aliança de 2022 é a maior que o PT já fez. E o Lula tem dito que é candidato de um movimento e não só do PT. A aliança ainda pode ser ampliada?

– Eu acho que vai ampliar, não, necessariamente, em bloco nacionalmente com partidos. A maioria dos partidos ou boa parte dos partidos ditos “grandes” têm realidades muito díspares. Por exemplo, o MDB, no Norte e Nordeste tem mais proximidade com o Lula. O MDB do Sul é mais Bolsonaro. E o MDB do Sudeste eu confesso que não sei exatamente qual é a coloração que tem. O PSD não é diferente. Eles estão aliados com a gente para a campanha do Lula. Então, quando eu estou dizendo que vai ampliar... Porque, vamos ser francos, o instinto mais forte do ser humano é a sobre-

vivência e o dos políticos também. Ninguém se joga do precipício. Na medida em que essa coisa for se consolidando eu acho que pode acontecer, primeiro, voto útil ainda no primeiro turno. Mas não vai ser agora, isso só vai ser em agosto, em setembro. Se as pessoas que apoiam outras candidaturas entenderem que estão minguando e não vão chegar... Não é o candidato, mas o eleitor vai começar a direcionar o seu voto para outro lugar. Essa é a minha opinião.

Quando falei do instinto de

O INSTINTO DO SER HUMANO É A SOBREVIVÊNCIA. E O DOS POLÍTICOS TAMBÉM. NINGUÉM SE JOGA DO PRECIPÍCIO. PODE ACONTECER VOTO ÚTIL NO 1º TURNO

sobrevivência, é porque quando consolidar lá pra julho, agosto... Repare que a proclamação do que o partido vai fazer é definido nas convenções e até agora ninguém está amarrado. Tem declarado, mas só vai acontecer isso em julho. Então, quem não está pode vir a estar. Partidos têm realidades diferentes, é óbvio que têm dificuldades. O PP quando fechou com a Dilma teve muita dificuldade porque no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul não queriam. Os partidos não têm unidade, nem o nosso. É óbvio que a

gente tem uma metodologia e acaba afunilando, mas se você for perguntar em cada estado o que o PT queria, vai ver que queria algo que não necessariamente é o que foi decidido. Um exemplo é Minas. Boa parte do PT preferia uma candidatura ao Senado e acabamos ficando com a candidatura a vice porque a gente respeita uma estratégia nacional. Sempre dói um pouco, essa é que é a verdade.

A candidatura do Lula e a do principal adversário - repare que eu não falo o nome do cidadão, eu falo “o principal adversário” porque eu brinco lá na Bahia que eu não coloco coisa ruim na minha boca [ri] - vão ficar estáveis. É minha opinião. Foi retirada a candidatura do [Sergio] Moro, é óbvio que o atual presidente foi quem mais ganhou em função da proximidade, mas uma parte foi para branco e nulo e uma parte pequena veio para o Lula. Agora, eu falei no instinto de sobrevivência porque, não estou falando nem da direção do partido, estou falando do pessoal que está com o pé no chão fazendo campanha, não vai ficar falando contra o candidato a presidente que é majoritário. Veja o exemplo da Bahia. O ex-prefeito [ACM Neto] foge da candidatura à Presidência como o diabo foge da cruz porque ele não tem lado. Ele está igual rolha na água, boiando. A eleição presidencial comanda o processo muito fortemente, mas de forma diferente em cada estado. Por isso que eu falei do instinto de sobrevivência, porque quando começar a chegar agosto e o voto for se cristalizando, o deputado vai acompanhar - a menos aquele que é fiel mesmo ao seu projeto - a onda da população. Agora, pode ser que tenha partidos, até para poderem ter uma posição melhor no próximo governo, a partir de 2023, que comecem a se definir. Tem gente que ainda acredita que o atual presidente pode se reeleger. Eu não acredito porque eu acho que ele tem teto, porque o preconceito é contra ele,

contra a postura pessoal dele.

Ele vai tentar mudar algumas coisas, vai fazer programa social, mas, sabe, seguro morreu de velho. O pessoal sabe qual é a natureza dele. O pessoal sabe que o Brasil tem 3% da população mundial, mas que teve 11% das mortes mundiais durante a pandemia da covid. Tem alguma coisa estranha. A gestão da crise da covid feita pelo governo federal foi ruim. Mas quem acha que ele ainda pode ganhar fica na arquibancada: "Não, peraí. Vamos ver, vou ter candidato próprio". Muita gente que tem candidato próprio, com todo respeito a todos os candidatos, não quero estigmatizar ninguém porque eu fui estigmatizado com 2% e ganhei a eleição. Ninguém sabia quem ia ser o governador de Santa Catarina e foi o governador atual, além de outros que ninguém imaginava que seriam. Mas o que eu quero dizer é o seguinte... Muita gente coloca candidaturas para, exatamente, fugir de ter que escolher um lado ou outro pela disparidade dos partidos. Para mim, quando essa coisa for se cristalizando o arraste vai ser grande, na minha opinião.

– **E o quadro eleitoral na Bahia?**

– A gente ganhou a primeira vez aqui em 2006, fundamentalmente, com o cansaço de 16 anos do grupo de lá, com um racha no grupo de lá, no centro do grupo, tanto que em 2002 eu já fiz 38% dos votos. Mas nós ganhamos, principalmente, com o vento do Lula. O pessoal dizia: "A gente quer ver na Bahia um governo semelhante ao que está acontecendo no Brasil". Aí a identidade foi construída e eu pulei de 38% em 2002 e fui para 53% – não me lembro mais – em 2006. Eu me reelegi com 64,5% porque aí já tinha uma consolidação do projeto. Lembrando que aqui fizemos um projeto amplo, que vai de partidos de esquerda e centro-esquerda à centro-direita. Depois, nós apresentamos o Rui [Costa], ele foi can-

didato a primeira vez na reeleição da Dilma, que foi uma reeleição difícil. Ganhamos "apertado" nacionalmente. Aí o que prevaleceu foi o sucesso dos oito anos do nosso governo e ainda a marca do PT. A marca do Lula. Depois, aconteceu o que aconteceu e quando chegou em 2018, Rui se reelegeu como o governador mais bem votado da história da Bahia: 74%. Aí, todo mundo queria que eu fosse candidato. Eu falei: "Gente, não tem sentido. Precisamos renovar os quadros". Essa é uma insistência que eu estou fazen-

**NA BAHIA, ESTAMOS
COMPLETANDO 16
ANOS, MAS O RUI
ESTÁ COM 70%
DE AVALIAÇÃO
POSITIVA NO
GOVERNO. SETENTA!
POR ISSO EU DIGO, A
GENTE VAI GANHAR**

do dentro do PT. Nada contra a terceira idade até porque eu estou na terceira idade. Nós precisamos abrir caminho para a moçada chegar.

Acontece isso em todos os partidos políticos, nas instituições, nas empresas e a gente não vai renovar? Nós que somos o partido da renovação, da mudança... Por isso eu falei que não tem sentido e, por isso, nós começamos a construir um nome novo. Teve algumas confusões na articulação e eu tinha feito um desenho que acabou não dando certo e, de uma certa forma, aca-

bou o PP saindo do grupo. Mas não foi um racha no centro do grupo. Não foi como o racha que teve deles [do grupo de ACM]. E outra, nós estamos completando 16 anos, mas, com muita modéstia – e, por isso, eu acho importante renovar, porque o projeto é um só, mas cada um tem a sua marca pessoal – o Rui está com 70% de avaliação positiva. Setenta! Se ele estivesse ladeira abaixo eu até seria candidato, se precisasse de um nome já construído. Mas ele com 70%, o Lula com 70%, o grupo com o patrimônio que tem, vamos construir um nome novo. E vai ganhar a eleição porque ele tem um fiador: o grupo. Dezesseis anos de trabalho não é pouca coisa. Fizemos 15 mil quilômetros de estrada, 17 hospitais novos, 23 policlínicas novas, água, saneamento, energia, apoio à agricultura familiar, temos 3 milhões de baianos que dependem da agricultura familiar, atração de novas empresas, relação com o agronegócio do Oeste da Bahia. Óbvio que tem gente que tem preconceito contra o PT, mas a relação do governo empresarialmente é ótima. Várias parcerias.

E trouxemos democracia para dentro da Bahia, o que não tinha antes. Antes era o poder imperial, era um mandando e todo mundo obedecendo, inclusive, com a imposição do Executivo sobre o Legislativo e o Judiciário. Hoje, se respira outros ares.

Eles vivem querendo dizer isso: "Ah, tem 16 anos, tem o cansaço". Não tem o cansaço porque era o Wagner, depois foi o Rui... Diferente deles que tanto faz quem era o governador, quem mandava era um só. Todo mundo sabe disso. E o ex-prefeito que quer voltar é a cara do passado, não é cara do futuro. É a cara do controle da imprensa, é a cara do "amiguismo" na contratação de empresários, é a tentativa de mandar em Judiciário, todo mundo aqui na Bahia sabe disso. Alguns ficam lá por medo. Eu digo sempre: qual foi o partido político que cres-

ceu do lado dele? Nenhum. Como se dizia do antecedente dele, é que nem mandacaru, não dá sombra nem encosto, tem espinho embaixo e não tem uma copa grande. Então, reparem, eu não quero falar isso com arrogância até porque eu acho que a humildade é a melhor companhia para nós que nos entregamos à vida pública e à política, mas, vou repetir, quem modernizou a Bahia nos hábitos políticos, na relação empresarial, na relação de poder e na infraestrutura, foi o nosso grupo, comandado pelo PT, com nossos aliados. Pergunte a um caminhoneiro se ele não sabe como era a estrada e como é hoje. Quando foi que tinha hospital no interior? Aqui só tinha uma universidade, agora tem seis federais. Tinha uma escola técnica na capital, agora tem 25 campi de escola técnica.

Então, não adianta ficar com conversa fiada porque o povo, como a gente diz na Bahia “não come H”. O povo conhece a história, nós não somos pastel de vento. Nosso pastel tem recheio e do bom. Muito recheio. Não é só discurso. E o rapaz que a gente está - eu digo rapaz porque é mais novo do que eu, ele tem 57 anos e eu tenho 71 - foi ele quem coordenou os dois programas de governo do Rui. Então, deve conhecer alguma coisa, né?

Não tem envelhecimento após 16 anos, o caminho que o Jerônimo está trilhando é, exatamente, o caminho que eu trilhei em 2006 e que o Rui trilhou em 2014, igualzinho. Aliás, ele está bem melhor. Eu, nessa época do ano, devia ter uns 5%, ele já deve estar com 13%, 14%. E quando ele aparece junto com o Lula e com o Rui, fica na frente. A eleição é assim, não é solteira. Eleição é casada com a do presidente da República. É por isso que o ex-prefeito, candidato contra nós, foge da questão presidencial como o diabo foge da cruz. Ele não tem lado. “Ah, pra mim tanto faz”. Como alguém quer ser governador da Bahia e

diz que tanto faz? Eu digo que a gente vai ganhar.

– A vitória do Lula no primeiro turno é possível?

– Eu acho que sempre é porque, na verdade, a gente fala de primeiro e de segundo turnos porque a distância entre uma coisa e outra pode ser 10 votos, um voto. Eu não acho nem bom ganhar no primeiro turno muito apertado porque isso dá um retrato de sociedade dividida, então, não acho que é o melhor. Principalmente, com a polarização que a

O POVO “NÃO
COME H”. O POVO
CONHECE A
HISTÓRIA. NÃO
SOMOS PASTEL
DE VENTO. NOSSO
PASTEL TEM
RECHEIO
E É DO BOM

gente vive no Brasil. Se for para ganhar de 50,1% a 49,9%, eu, sinceramente, prefiro ganhar no segundo turno de 57% a 43% ou de 55% a 45%. Eu não vejo mistério. A eleição tem dois turnos, nós temos que nos preparar até porque segundo turno vira uma nova eleição. O candidato que não for para o segundo turno não manda nos votos dele. Pode até comandar um pedaço, mas via de regra, e as pesquisas mostram isso, o eleitor diz: “Quem é sua opção?” “Fulano”. E senão for ele, o eleitor já tem a sua segunda opção. Não é o

candidato que vai dizer. O cara que não for para o segundo turno, óbvio, tem o pessoal apaixonado que vai esperar o que ele vai dizer e é óbvio que se ele teve um peso, se vier para o palanque é importante. Mas, minha opinião, é que o pessoal já tem o segundo [nome]. Agora, vai depender um pouco do voto útil. Por exemplo, é claro que o voto do Ciro [Gomes, pré-candidato do PDT], majoritariamente, é nosso. Se o pessoal do Ciro disser: “Não adianta, não vai para lugar nenhum. Eu quero logo derrotar esse cidadão”, vai subir o Lula.

Por exemplo, eu ganhei no primeiro turno. Aliás, nós na Bahia ganhamos no primeiro turno todas as quatro eleições e não é porque nós somos gênios. Eu não gosto muito desse papo. Acho um besteiro. Eu não manjo do Brasil como eu manjo da Bahia porque vivo na Bahia há 48 anos. Então, eu não vou dar pitaco em São Paulo. Eu posso dar pitaco geral. Eu vou falar do Piauí? O Wellington [Dias] conhece o Piauí cem vezes melhor que eu. Eu quero dizer o seguinte, a gente aqui ganhou no primeiro turno porque os outros candidatos não eram expressivos. Então, por exemplo, por enquanto, à exceção do Ciro, os outros candidatos todos pontuam muito baixo. Se mantiver uma frente e se houver voto útil... Eu falo do Ciro, mas não contra a candidatura dele porque eu tenho até relação com ele, eu estou dizendo que ele desponta num eleitorado também nosso, de centro, centro-esquerda, progressista. Eu acho que ele erra, exatamente, porque ele ataca o Lula. Ele devia atacar o outro lado para se credenciar ou como centro, centro-direita ou até com o nosso lado. Ele bate no Lula, na minha opinião, ele está fazendo a anti-campanha. Ele não vai descredenciar o Lula. Quem está arrependido ou quem já era contra o atual presidente, quer derrotá-lo. Quem aparece na fila para derrotá-lo com maior chance é o Lula. •



VENDA DA ELETROBRÁS. UM NEGÓCIO NEBULOSO

Governo entreguista marca para 13 de junho a privatização da estatal. Movimentos sociais anunciam que vão resistir à iniciativa do governo, que abre mão do controle da maior empresa de energia elétrica da América Latina por uma ninharia: R\$ 67 bilhões

O Palácio do Planalto acelera o processo de entrega da Eletrobrás, a maior empresa de energia elétrica da América Latina, responsável por 28% do parque de geração do Brasil e dona de 73,6 mil quilômetros de linhas de transmissão, o equivalente a 40% do sistema brasileiro. A venda de ações da holding, que resultará na perda

do controle da União já tem data marcada para acontecer: 13 de junho. A estatal comunicou na sexta-feira, 27, à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) detalhes sobre a operação que vai tirar o governo do comando da companhia.

Organizações sindicais e movimentos populares já anunciaram que vão resistir à privatização da Eletrobras. Ações judiciais estão sendo elaboradas

para questionar a legalidade e a forma como as ações da Eletrobrás serão vendidas pelo governo. O PT e partidos de oposição já denunciaram a venda da empresa na Justiça. Quatro ações foram ajuizadas nas justiças federais de Alagoas, Bahia e Paraíba e no Supremo Tribunal Federal (STF).

As ações questionam e contestam questões relativas a impactos tarifários, transparência

de informações e contratos de concessão relacionados à privatização da Eletrobrás. O ministro Vital do Rego, do Tribunal de Contas da União, apontou ilegalidades na privatização da estatal nos moldes propostos por Bolsonaro.

As irregularidades representam erros que totalizam R\$ 40 bilhões, referentes à tributação e ao endividamento da Eletrobrás. “Estamos diante de desfazimento de patrimônio público por valor menor do que de fato representa”.

Durante o julgamento no TCU, o ministro alertou para as falhas na avaliação do valor que o governo receberá para deixar o controle da Eletrobrás. O governo estima receber R\$ 67 bilhões por isso. Para do Rêgo, deveria receber ao menos R\$ 140 bilhões para abrir mão da empresa, imaginada ainda nos anos 50 no governo Getúlio Vargas.

Ele fez duras críticas à forma como o governo pretende se desfazer do controle da estatal. Em um voto longo - o qual foi elogiado por ministros do TCU por sua profundidade - Vital do Rêgo afirmou que “erros dolosos” cometidos pelos responsáveis pela privatização farão com que ações da estatal sejam vendidas “a preço de banana”. “Fizeram um calendário louco para

entregar essa Eletrobrás à iniciativa privada”, denunciou.

Por meio da operação no dia 13 de junho, a empresa pretende colocar novas ações à venda. A União, que hoje detém cerca de 75% dos papéis financeiros com direito a voto, não vai exercer o direito de compra das novas ações, as quais serão divididas entre investidores privados. Com isso, o governo reduzirá sua participação no capital social da Eletrobrás, passando a ter 45% das ações com direito a voto, ou seja, menos da metade necessária para que decidir sozinho os rumos da companhia, como hoje.

Segundo a Eletrobrás informou à CVM, a capitalização da empresa ocorrerá em fases. Do dia 3 a 8 de junho, investidores poderão manifestar seu interesse em ações da companhia. No dia 9, levando em conta esse interesse, será definido o preço de cada ação à venda. Hoje, essas ações estão cotadas a R\$ 44, o que indica que a capitalização pode movimentar R\$ 30 bilhões. Segundo sindicatos de funcionários da Eletrobrás, a empresa toda vale cerca de R\$ 400 bilhões.

Vital do Rêgo reitera que a Eletrobrás está sendo vendida a “preço de banana” por conta da pressão imposta pelo Palácio

do Planalto para a conclusão do negócio. Eleito com um discurso privatista, Bolsonaro quer concluir a capitalização da Eletrobrás antes da eleição deste ano para demonstrar ao mercado sua capacidade de levar adiante propostas do ministro Paulo Guedes para a economia. No Fórum Econômico Mundial, na Suíça, que, Guedes anunciou que, se Bolsonaro for reeleito, a Petrobrás será privatizada.

Durante o julgamento no TCU, o ministro encerrou seu voto citando “mentiras” que justificam a privatização da Eletrobrás. Segundo ele, defensores da venda da estatal dizem que a desestatização tende a melhorar a qualidade do serviço. “É mentira. A Eletrobrás foi chamada a socorrer a população do Amapá em 2020”, lembrou, alertando que a energia naquele estado é fornecida por empresa privada, a Linhas de Macapá Transmissora de Energia (LMTE).

Outra mentira é a previsão de redução da conta de luz dos consumidores brasileiros. Ele lembrou que a Eletrobrás vende energia a R\$ 65 por 1.000 kWh. Empresas privadas, por sua vez, cobram em média R\$ 250 por 1.000 kWh. A conta de luz vai subir, se o governo abrir mão do controle da empresa. Não é pessimismo. É a prática do mercado. •



José Cruz/ABr

VITAL DO REGO, DO TCU: “AS AÇÕES DA ESTATAL VÃO SER VENDIDAS A PREÇO DE BANANA”



ATENÇÃO: A CONTA DE LUZ NÃO VAI CAIR

Perda de controle pela União não garante tarifas menores aos consumidores. Pelo contrário, o preço da energia vai aumentar

Especialistas em energia vem rechaçando os argumentos do governo de que a conta de luz para o consumidor deve cair, caso o Palácio do Planalto venha mesmo a privatizar a Eletrobrás. O Ministério da Economia estima um incremento nos investimentos no setor elétrico, vendendo a ilusão de que o país correrá menos de risco de apagões.

Ex-ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff vaticina que a venda da Eletrobrás não resolverá o problema do consumidor, que está pagando caro pela falta de investimentos do governo federal. "Vem aí tarifas elevadas, novos apagões e racionamentos", prevê a ex-presidenta. Ao se tornar privada, a companhia passará a perseguir o lucro de forma prioritária,

o que pode elevar as tarifas.

"Privatizar um setor, significa entregá-lo à lógica do lucro que busca retorno rápido, de curto prazo", comenta Dilma. "Energia elétrica exige planejamento global, horizonte de longo prazo e garantia de abastecimento".

O senador Jean Paul Prates (PT-RN) também avalia que as tarifas vão subir com a privatização. Para tornar a situação ainda mais grave, o parlamentar ressaltou que o preço da tarifa deve subir. "Estamos vivendo esse processo sem absolutamente nenhuma ideia de quanto isso vai custar para nós consumidores, para cada um de nós, na tarifa. E a gente sabe, pela tendência do que está sendo feito, é que o preço a energia vai aumentar", disse.

Especialistas concordam com a

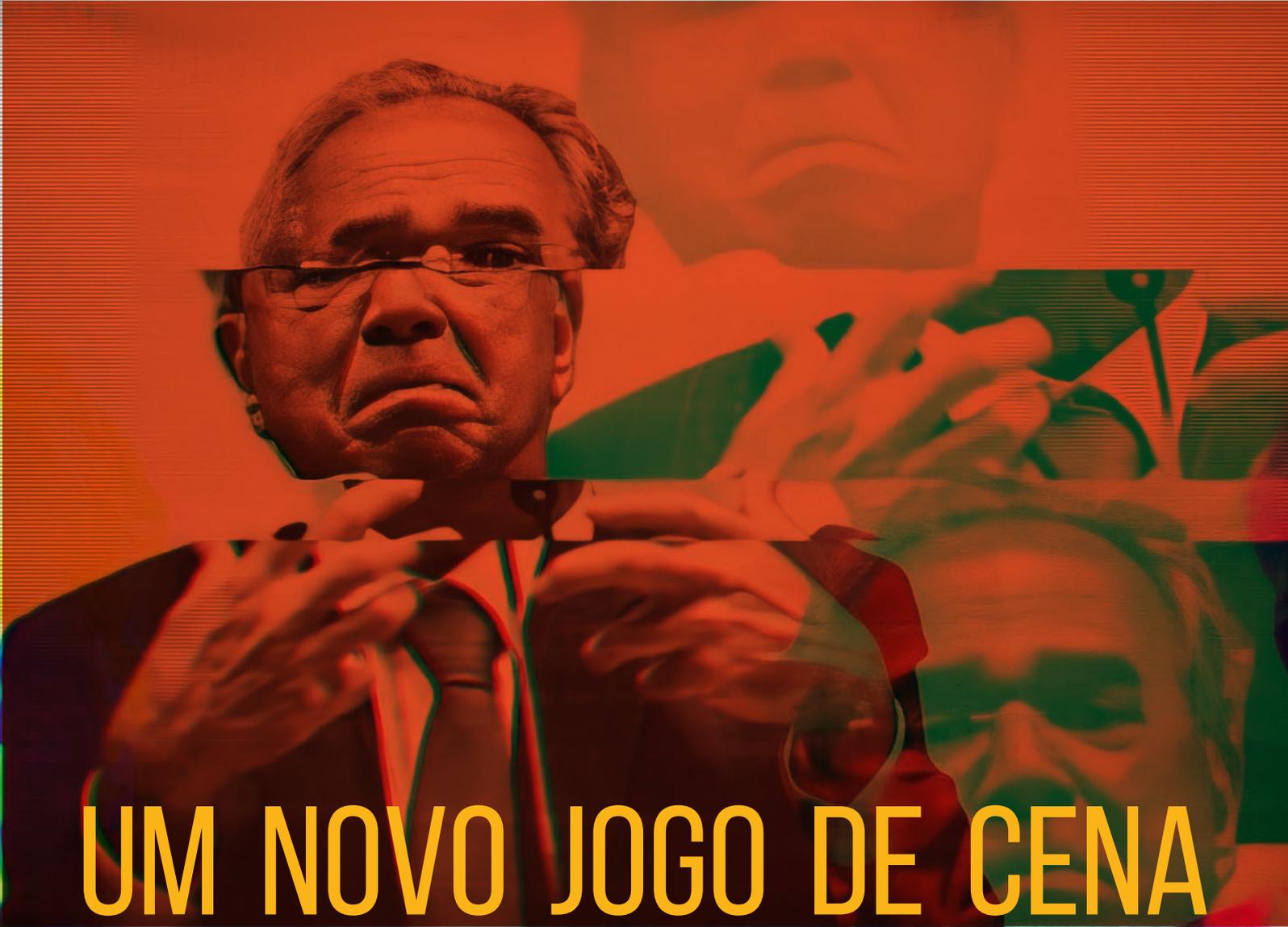
avaliação da ex-presidenta da República. "A eventual privatização da Eletrobrás provocaria profunda desorganização do setor elétrico brasileiro, com repercussões negativas para toda sociedade brasileira. Os prejuízos se verificarão no curto e no médio prazo, a começar por uma explosão tarifária", alerta um manifesto, lançado em abril por 160 especialistas.

A tarifa da conta de luz tende a aumentar por conta da mudança no regime de concessões das usinas. Hoje, elas operam no regime de "cotas" e fornecem energia a preço de custo para a população. Com a mudança do regime de concessão, a energia elétrica dessas usinas será vendida a preço de mercado, que chega a ser quatro vezes superior.

O encarecimento da energia impacta a renda das famílias brasileiras, mas também tem reflexos diretos no setor de serviços e no industrial. Ou seja, pode causar uma explosão ainda maior de preços, repercutindo duramente sobre o custo de vida da população.

"A privatização da Eletrobrás aumenta ainda a concentração de renda no sistema elétrico e as desigualdades brasileiras, sobretudo, no longo prazo, ao impedir a construção de um futuro sustentável do Brasil para o enfrentamento das mudanças climáticas", alerta o manifesto.

"Ao implementá-la, caminhamos na contramão do mundo ao mergulharmos nesse pântano de inconstitucionalidades e absurdos técnicos sustentados por interesses distantes das reais necessidades de energia barata, limpa e universalizada, fundamental ao Brasil", conclui. O manifesto é assinado pela Federação Nacional dos Urbanitários, Associação dos Empregados de Furnas, Instituto de Desenvolvimento Estratégico do Setor Energético (Ilumina), Coletivo Nacional dos Eletricitários, CUT e outras entidades. •



UM NOVO JOGO DE CENA

Planalto faz nova troca na Petrobrás, mas mantém política de preços dolarizados para combustíveis. Senadores do PT criticam o governo e, agora, a FUP diz que país corre risco de faltar diesel

A troca no comando da maior empresa estatal do Brasil é jogo de cena do presidente da República, Jair Bolsonaro, que joga para a plateia e tenta se reeleger sem mexer na política de preços da Petrobras. A mudança foi anunciada na noite de terça-feira, 24, 40 dias após a última mudança promovida pelo Palácio do Planalto. Senadores do PT criticaram duramente a manobra do governo, apontando que Bolsonaro evita promover a mudança que impediria o aumento contínuo do preço dos combustíveis.

O novo presidente da Petrobras é um nome do terceiro escalão da equipe de Paulo Guedes

– Caio Mário Paes de Andrade – e já leva bordoadas dos sócios minoritários, que o acusam de não ter a qualificação exigida para o cargo. O presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Petrobras, senador Jean Paul Prates (PT-RN), alertou para a farsa na estratégia do Planalto.

“Bolsonaro mascara a questão dos combustíveis para fazer de conta aos eleitores que está trabalhando para baixar os preços”, acusa. “Não está, e nem quer fazer nada. A equipe econômica não quer usar as receitas extraordinárias com o petróleo alto para mitigar os preços internos”. Jean Paul acusou Bolsonaro de se esconder do dever de mudar a política de Preço de Paridade de Importação

(PPI), criada pelo governo Temer.

“Não adianta trocar o presidente da Petrobras ou criar atrito com os governadores quando o problema está na mão do presidente da República”, diz o senador potiguar. “É um absurdo um país autossuficiente abrir mão desta vantagem estratégica em relação ao mercado global. Bolsonaro se exime de suas responsabilidades, simula ataques à Petrobrás, diminui e desmoraliza a empresa”.

O senador Rogério Carvalho (PT-SE) também engrossou as críticas. “Após 40 dias da última mudança, Bolsonaro promove nova troca na presidência da Petrobrás. É o retrato de um governo perdido e sem coragem para mudar a paridade internacional de pre-

ços”, disse. O senador Humberto Costa (PT-PE) lembra que o atual governo já trocou três vezes o presidente da estatal. “A única coisa que não cai é o preço do combustível”, ironizou.

Segundo Jean Paul, a troca teatral promovida pelo Palácio do Planalto traz danos irreparáveis à imagem da Petrobras. “Enquanto isso, a estatal tem seus ativos sendo vendidos a preço de banana, lucra sem méritos administrativos e distribui tudo aos poucos acionistas preferenciais, em detrimento da economia e do povo brasileiro”, declarou.

O resultado acumulado em 12 meses é de alta de 33,33% do preço dos combustíveis, segundo o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de fevereiro, indicador oficial de inflação no país, calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ao longo do ano passado, o aumento foi de 49,02%. Em março, a gasolina acumula alta de 42,71% do preço. Já o etanol aumentou 36,17% em 12 meses.

Apontado como motivo principal da demissão de José Mauro Ferreira Coelho da presidência da Petrobrás, o risco de desabastecimento de diesel no mercado brasileiro é real e iminente. O alerta é da Federação Única dos Petroleiros (FUP). A entidade publicou nota na última semana avisando que o país pode ficar sem o óleo no início do segundo semestre.

Os motivos do desabastecimento serão a prevista escassez de oferta no mercado internacional e o baixo nível dos estoques mundiais, agravados após as sanções lideradas pelos Estados Unidos contra a Rússia devido à guerra na Ucrânia. Os riscos são os mesmos citados no documento ‘Combustíveis: desafios e soluções’, que Ferreira Coelho teria mostrado a Bolso-

naro como justificativa para não congelar os preços do óleo.

“Se não houver sinal de preços de mercado à frente, há risco material de desabastecimento de diesel no pico de demanda da safra, afetando o PIB do Brasil”, alertou o presidente da Petrobrás. O documento foi obtido pela agência de notícias Reuters. A estatal lembrou que a demanda pelo diesel tende a aumentar a partir de junho e julho, com a entrada da safra agrícola destinada à exportação.

“A Índia está produzindo diesel com petróleo russo e exportando para a Ásia e o Brasil. Porém, grande parte do diesel importado pelo Brasil, cerca de 80%, é fornecido pelos EUA, que estão mandando muito para a Europa”, descreve o coordenador-geral da FUP, Deyvid Bacelar. “Há possibilidade real de faltar diesel no mercado brasileiro ou de o preço explodir no país”

Bacelar afirma que essa ameaça de desabastecimento de diesel no mercado doméstico, a menos de cinco meses das eleições presidenciais, levou Bolsonaro ao desespero e se tornou o pano fundo da quarta troca de presidente da Petrobrás em sua “gestão”. Também motivou o balão de ensaio da proposta de congelamento de preço do produto por 100 dias, numa tentativa eleitoral de evitar maiores explosões da inflação.

Em três anos e quatro meses de desgoverno Bolsonaro, o preço do diesel subiu 90%. O dado é de levantamento divulgado pelo Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (Inep). Novamente, o PPI é apontado como principal responsável pela explosão dos preços. “É como se a Petrobrás estivesse funcionando como um monopólio privado”, afirmou o economista Eduardo Costa Pinto. •

DESTRUIÇÃO CONTINUA: OUTRA REFINARIA VENDIDA

A política criminoso de desmonte da Petrobrás continua, graças ao governo Bolsonaro. A estatal anunciou a venda da Refinaria Lubrificantes e Derivados do Nordeste (Lubnor), localizada na cidade de Mucuripe (CE) à Grepar Participações Ltda por 55% do preço real da planta.

O cálculo foi estimado em um estudo realizado pelo Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (Inep). Estão vendendo a refinaria a preço de nada. O Sindicato dos Petroleiros do Ceará (Sindipetro-CE) promoveu um protesto contra a venda da refinaria,.

A Federação Única dos Petroleiros (FUP) vai acionar a Justiça para impedir que a petroleira venda a Lubnor, como fez com a Refinaria Landolfo Alves (Rlam), da Bahia, a preço de banana. Naquele estado, a população está pagando os preços mais altos pelos combustíveis do país.

De acordo com o Inep, a Lubnor está avaliada com valor mínimo, em US\$ 62 milhões, mas o valor negociado pela estatal é de US\$ 34 milhões. Ou seja, quem comprar vai levar a refinaria por quase metade do preço.

O economista Eduardo Costa Pinto observa que as refinarias que estão sendo vendidas pelo governo, como a da Bahia e do Amazonas, são praticamente pela metade do preço. “Quem ganha com isso?”, pergunta. •



MAIS PODER Generais bolsonaristas, incluindo o ex-comandante do Exército Eduardo Villas Bôas (sentado, na cadeira de rodas), desenharam um arremedo de projeto para o país em que defendem o fim do SUS e das universidades gratuitas. Mas o pior é a tentativa de intimidar adversários e projetar que estarão no poder até 2035

EM NOME DE QUEM?

A malta bolsonarista encravada nos institutos Sagres e Villas Bôas, criados por generais da reserva linha dura, se assanham em projetar uma Nação distópica para o Brasil em 2035, com cobrança de mensalidade para o uso do SUS e das universidades públicas. Nem a ditadura tinha um projeto político tão anti-popular

Atigrada está ouriçada. Na última semana, um documento elaborado por generais da reserva mais linha dura, discípulo de Sylvio Frota, que projeta um país bolsonarista para daqui a 13 anos, assustadoramente entreguista e anti-popular, veio a público. O documento mostra que no bolsonarismo nem o futuro é bom.

O arremedo se chama “Projeto de Nação – o Brasil em 2035”, elaborado pelos institutos General Villas Bôas (IGVB), Sagres e Federalistas, think tanks de caráter militar, claramente inspirados na Guerra Fria e no anticomunismo dos anos 50.

O texto aborda temas como “integração da Amazônia” e prevê a cobrança de mensalidade para universidades públicas e o Sis-

tema Único de Saúde (SUS). No Brasil dos linha-dura da caserna, nada mais seria gratuito. Tudo tem preço. O texto se divide em sete eixos: 1) geopolítica mundial, 2) governança nacional, 3) desenvolvimento nacional, 4) ciência, tecnologia e educação, 5) saúde, 6) segurança e 7) defesa nacional. O calhamaço de inspiração bolsonarista tenta pintar um país ainda mais autoritário, com colo-

rações quase fascistas ao prever a “neutralização” do “poder político e social das correntes de pensamento radical”, “que dividem a Nação”. A pataquada está na página 32 do documento, sobre o tema “O futuro da democracia no ocidente” e lembra os piores momentos da doutrina ideológica de Washington da primeira metade do século 20. Neutralizar em jargão militar é exterminar adversários.

O termo lembra as referências nada discretas do presidente da República, que antes de ser eleito, anunciou em 2018 que a “petralhada iria parar numa “ponta de praia”, o termo utilizado pela tigrada nos anos de chumbo para execução de opositores e desova de corpos de militantes de esquerda longe dos olhares do Estado e suas instituições.

O documento lembra os piores momentos de Olavo de Carvalho ou Ernesto Araújo, dois próceres do pensamento reacionário do bolsonarismo. Como se estivesse fazendo uma avaliação do cenário

do país em 2035 – uma projeção futurista com cores da primeira metade do século 20 –, o documento enaltece o reacionarismo, travestido de patriotismo. “Nas últimas duas décadas, sucessivas manifestações de grande porte tiveram, como ator coletivo, significativa parcela do povo que hoje se identifica como conservador e liberal, pressionando por mudanças estruturais no sistema de educação e no sistema político, em um processo que culminou com o despontar de novas lideranças”, aponta o texto.

Segundo Villas Bôas e os generais do Instituto Sagres, a principal ameaça ao Brasil na política externa em 2035 é o chamado “movimento globalista”. Nos tempos do chanceler reaçã, a explicação para o globalismo é simples: o conjunto de forças “cujo objetivo é determinar, dirigir e controlar as relações entre as nações e entre os próprios cidadãos, por meio de posições, atitudes, intervenções e imposições de caráter autoritário, porém disfarçados como

socialmente corretos e necessários”.

Substitua a palavra globalismo por marxismo e, voilá, você está na América do senador Joseph McCarthy. Direto nos anos 40 e 50. Na educação, por exemplo, no Brasil dos think tanks do bolsonarismo, o ensino foi desideologizado, assim como a cultura nacional.

O texto não fala, mas imagina-se que neste cenário poderia-se criar os Comandos de Caça aos Globalistas, remetendo ao velho CCC de

saudosa memória para a geração dos generais que estão à frente da iniciativa.

A área de educação lembra um capítulo de George Orwell, autor de 1984: “Os currículos foram ‘desideologizados’ e hoje são constituídos por avançados conteúdos teóricos e práticos, inclusive no campo social, reforçando valores morais, éticos e cívicos e contribuindo para o progressivo surgimento de lideranças positivas e transformadoras”. É como se os empresários Luciano Havan e Salim Mattar tivessem conseguido varrer os esquerdistas dos campi universitários e enterrado os professores “vermelhos”.

Isso explicaria e tornaria mais do que natural que o governo federal passaria a cobrar, a partir de 2025, indenizações pelos serviços prestados, exclusivamente das pessoas cuja renda familiar fosse maior do que três salários mínimos. Claro, nem tudo foi fácil. “Essa medida encontrou forte resistência, especialmente a oposição política, mas atualmente comprova-se que não somente trouxe mais recursos para o SUS como também racionalizou atividades e procedimentos – o que contribuiu para o aperfeiçoamento da gestão”. É rir para não chorar.

No item referente à Amazônia, o documento é mais radical do que o de Bolsonaro. Explicita a flexibilização total das legislações referentes à exploração de minérios, bem como a regulamentação da participação do capital estrangeiro nessas atividades – um ensaio mais profundo do que o bolsonarismo vem desenvolvendo com a defesa da exploração total e imediata de áreas indígenas, como propõe o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, general Augusto Heleno.

O documento diz que é preciso “remover as restrições da legislação indígena e ambiental, que se



conclua serem radicais nas áreas atrativas do agronegócio e da mineração”.

O ‘Projeto de Nação’ ainda defende a cobrança de mensalidade nas universidades públicas. “Um marco importante para a melhoria de desempenho das universidades públicas, mas que sofreu forte resistência para virar, foi a decisão de cobrar mensalidades/ anualidades, segundo critérios que levaram em conta a renda pessoal do aluno e ou de seu responsável, o número de alunos sob o mesmo responsável, a concessão de bolsas a alunos de camadas carentes e para os de elevado nível de desempenho”. Imagine-se que isso também aconteceria nas escolas e academias militares. Mas o texto não menciona tal feito. Lançado no dia 19, com a presença do ex-comandante do Exército general Eduardo Villas Bôas, um dos idealizadores do documento, o projeto foi apresentado ao som da música “Eu Te Amo, Meu Brasil”, a mesma que tocava durante os anos 70 para celebrar a ditadura militar no país, imortalizada pelos Incríveis. “Certamente, aqui está uma parcela importante do pensamento estratégico do Brasil”, disse o ex-comandante do Exército em discurso lido por sua esposa, Maria Aparecida Villas Bôas. Ao lado dos convivas, o vice-presidente Hamilton Mourão se fez presente.

No Brasil de Villas Bôas e dos bolsonaristas mais radicais, o futuro é mais parecido com o passado dos integralistas liderados por Plínio Salgado, do que um episódio dos Jetsons. É uma distopia digna da literatura de George Orwell ou Philip K. Dick. Um Brasil anti-popular, reacionário, conservador, onde os ricos ficarão incredulamente mais ricos, e onde se paga por tudo. Mas os “globalistas” estão à espreita. Procurando encrenca. •



Divulgação

UM THINK TANK NO ESQUEMA

Instituto Sagres está à frente do projeto que desenha a permanência de generais no poder até 2035. A organização recebeu dinheiro da Codevasf, flagrada em distribuição farta de recursos para o Centrão

O Instituto Sagres, um dos think tanks que divulgou um “Projeto de Nação” defendendo a permanência dos militares no poder até 2035, recebeu R\$ 170 mil da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf), em junho de 2021, estatal sob comando do presidente Jair Bolsonaro (PL) e de aliados do chamado Centrão.

A organização, que formalmente é uma empresa chamada Sagres Política e Gestão Estratégica Aplicadas, recebeu o valor do Executivo em duas ordens de pagamento diferentes, uma de R\$ 161,5 mil e outra de R\$ 8,5 mil. Vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Regional, chefiado pelo ministro Rogério Marinho, a Codevasf enquadrou o gasto como apoio ao “desenvolvimento sustentável local integrado”.

No documento que defende a permanência dos militares no poder, divulgado nesta semana, a Sagres se somou ao Instituto General Villas Bôas (IGVB), presidido pelo mesmo militar que ameaçou o Supremo Tribunal Federal (STF), em 2018 durante julgamento do habeas corpus que daria a liberdade a Lula (PT), e pelo Instituto

Federalista. Entre as propostas, estão o fim da obrigatoriedade do Sistema Único de Saúde (SUS) e a cobrança de mensalidades em universidades públicas até 2025.

De acordo com a descrição que consta no Portal da Transparência, a Codevasf repassou a verba ao Instituto Sagres como patrocínio pela realização do Fórum de Desenvolvimento do Semiárido, uma iniciativa em parceria com a Frente Parlamentar Mista em Prol do Semiárido. O evento foi realizado em Mossoró (RN) em dezembro de 2020, com a participação do vice-presidente Hamilton Mourão.

Um dos articuladores do “Projeto de Nação” é o general da reserva Luiz Eduardo Rocha Paiva (foto acima). Paiva foi ex-presidente do grupo Terrorismo Nunca Mais, a ONG do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, torturador da ditadura – “o terror de Dilma Rousseff”.

No governo Bolsonaro, Paiva foi nomeado membro da Comissão da Anistia, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Em 2021, foi autor da nota “Aproxima-se o ponto de ruptura”, divulgada pelo Clube Militar após a anulação dos processos de ex-presidente Lula (PT) na Lava Jato. • **Brasil de Fato**

MAIS UM ATAQUE À UNIVERSIDADE PÚBLICA

A PEC da mensalidade, apresentada por general bolsonarista é um ataque à Constituição. A conquista da gratuidade nas instituições federais de ensino foi consolidada pelos constituintes em 1988

Reginaldo Lopes

Volta e meia o debate sobre o fim da gratuidade em universidades públicas vem à tona. Os argumentos e proponentes são os mesmos, embora troquem de nomes em cada conjuntura, sendo sempre representantes da mesma elite que não admite que os mais pobres tenham acesso ao ensino superior. Desta vez, e iniciativa veio em forma da Proposta de Emenda à Constituição (PEC 206/2019) do deputado bolsonarista General Peternelli (PL-SP), relatada pelo deputado Kim Kataguiri (União Brasil-SP) na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara.

A conquista da gratuidade nas universidades públicas foi alcançada ao longo de décadas e consolidada pelos constituintes que firmaram a Carta de 1988. O artigo 206 da Constituição é claro: “a Educação é direito de todos e um dever do Estado”. O financiamento do ensino público nas nossas universidades cabe ao Estado brasileiro.



A PEC, amparada pelo governo neofascista e sob a batuta de Jair Bolsonaro, insere-se numa incursão contra direitos do povo brasileiro, num pacote que inclui a tentativa de privatização de estatais estratégicas, do SUS e da Previdência Social. Pelo texto, as universidades seriam obrigadas a cobrar mensalidade, excepcionando apenas aqueles que, por critérios não se sabe quais, seriam definidos pelo governo. A proposta revela as reais intenções de um governo ultraliberal inspirado na ditadura do general chileno Augusto Pinochet: a privatização de tudo. Modelo que acaba de ser varrido nas urnas pelos chilenos.

Ao Brasil, o desafio é melhorar a qualidade do ensino em todos os níveis, em busca da universalização do acesso. Os governos Lula e Dilma, de 2003 até o Golpe de 2016, fortaleceram o ensino público. Universidade e institutos federais, antes centralizados nas capitais, foram interiorizados. Foram criadas 18 novas universidades federais e 173 campi universitários,

praticamente duplicando o número de alunos entre 2003 e 2014: de 505 mil para 932 mil. Os institutos federais também tiveram uma grande expansão durante os governos do PT. Foram implantadas mais de 360 unidades por todo o país.

Essas conquistas estão sob a ameaça de cobranças de mensalidades, que, se aprovada, interdita o sonho de milhares de famílias de ver seus filhos e filhas com o direito de acessar uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

A universidade pública e os institutos federais são hoje o principal vetor de inclusão social no país. Permitem que pessoas de diferentes níveis sociais possam desfrutar de ensino de qualidade. A PEC barra a possibilidade de filhos de quilombolas, indígenas, trabalhadores de diversas categorias e pobres obterem título universitário e melhorar de vida. A educação de qualidade e gratuita é um direito e pavimentam o caminho para a construção de um país melhor, mais justo e preparado para os desafios do século 21. Defendê-la é nosso dever. •

Economista, é deputado federal por Minas Gerais e líder da bancada do PT na Câmara dos Deputados.



CHOQUE DE MICOS Em visita relâmpago, o bilionário foi saudado por Jair Bolsonaro como “mito da liberdade”

SHOW DE SUBSERVIÊNCIA

O bilionário Elon Musk veio, viu e não venceu. A patota do governo que foi recebê-lo em hotel no interior de São Paulo fez campanha e vendeu gato por lebre a empresários. Um vexame

Bia Abramo

Diz o protocolo que, quando há uma visita oficial a um país de algum estrangeiro, promovida por qualquer que seja o órgão governamental, em geral o estrangeiro em questão vai visitar o presidente daquele país na cidade onde mora e trabalha o mandatário da Nação. Há duas semanas, entre perplexos, assistimos o oposto. Convidado a encontrar um grupo de empresários das telecomuni-

cações pelo ministro Fábio Faria, o bilionário Elon Musk também foi agraciado com a presença de Jair Bolsonaro.

Musk já embarcou para o Brasil sob o peso de uma acusação de assédio publicada pelo site Business Insider, na noite de quinta, 19. O dono da SpaceX, empreendimento dedicado a construir foguetes, foi acusado de assediar uma comissária de bordo e, para abafar o escândalo, a empresa teria pagado US\$ 250 mil à vítima do assédio.

Musk, um homem de meia-i-

dade que se comporta como um adolescente nas redes sociais, declarou-se “super excitado de vir ao Brasil” (em inglês, “excited” pode ser usado como sinônimo de animado, mas também de excitado sexualmente). Para quem vai enfrentar um processo complexo e custoso de assédio, talvez ele devesse fazer uma escolha mais cuidadosa de palavras.

Do lado de cá, a excitação não era menor. Um subserviente Bolsonaro, o presidente cuja agenda pública registra poucos compromissos por dia, e um sorridente



Reprodução

RINDO DO QUÊ? Musk está de olho no subsolo da Amazônia, enquanto o deslumbrado Fábio Faria já é cotado para ser homem de Musk no Brasil

Fábio Faria, ministro das Comunicações e genro de Silvano Santos, receberam o cinquentão rico como se fosse ele, Musk, o verdadeiro chefe de Estado.

Teve palanque, fez-se discurso de campanha de candidato e tudo culminou em pronunciamento de Faria em inglês claudicante e falsamente íntimo, que incluía duas declarações de amor. Uma individual, que pode até ser verdadeira. E uma coletiva: “O Brasil te ama”, que é, além de cafona, mentirosa. Em inglês, soa pior: “Everybody in Brazil loves you”.

O Fasano Boa Vista, em Porto Feliz, talvez nunca tenha visto uma reunião tão canhestra. Os negócios que Musk veio apresentar para uma plateia de executivos do setor de telecomunicações, uma parceria entre o governo brasileiro e sua fabricante de satélites que conectaria 19 mil escolas de áreas ribeirinhas e rurais na Amazônia não passa de uma ideia, nem sequer é um projeto.

De acordo com o jornal *Valor Econômico*, empresários que estavam no encontro disseram que o “plano é seguir com os projetos já existentes com a Viasat, de comunicação via satélite”.

Salamaleques e situações de constrangimento à parte, a agenda de Musk é monitorar com o Starlink a situação da Amazônia, acima e abaixo do solo. Se o pro-

pósito de ajudar a identificar e medir o desmatamento e focos de queimada na maior floresta tropical do mundo com fins de ajudar na preservação parece combinar com teses do desenvolvimento sustentável, ele é inútil. Isso porque o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) faz isso há anos, mesmo sofrendo desmonte de Bolsonaro e do ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles.

Se foi picado pela muriçoca da culpa ecológica, mesmo que para fins exclusivos de imagem pública, o bilionário sul-africano bateu na porta errada. É que o atual governo tem como meta desmatar ao máximo, acuar os povos originários e rever os marcos legais da demarcação de seus territórios. Se Musk, com sua fortuna, pode brincar de banco imobiliário e vender terrenos na lua, aqui no Brasil o bicho está pegando.

Na quarta, 25, Fábio Faria foi convidado a ir à Câmara dos Deputados para explicar o acordo entre o governo e a empresa Starlink. O ministro foi convidado pelas comissões de Ciência e Tecnologia; Comunicação e Informática, Relações Exteriores; Defesa Nacional e de Integração Nacional. A reunião está marcada para 8 de junho.

Parte da animação do trem da alegria brasileiro estaria na compra do Twitter, anunciada por Musk, mas ainda não concretiza-

da. Para as hordas bolsonaristas, patinando há meses no segundo lugar na campanha para as eleições presidenciais de outubro de 2022, o fato de Musk passar a ditar as regras de publicação e dos algoritmos na rede social mais ativa em termos de movimentação política significaria a volta da “liberdade” ao Twitter – chegou a ser chamado de “mito da liberdade” por ninguém menos que Jair Bolsonaro, que já havia declarado amor a Donald Trump, na constrangedora visita a Washington em 2019.

Para a campanha da extrema-direita, o afrouxamento das normas de publicação na rede do passarinho azul viria a calhar, uma vez que as matérias-primas para alavancar a imagem combatida de Bolsonaro são o discurso de ódio, as fake news e os ataques à credibilidade do processo eleitoral. Ou seja, exatamente o que fez a governança do Twitter banir o candidato derrotado às eleições norte-americanas de 2020, o também bilionário Trump.

Enquanto essa terra prometida para os direitistas não vem e o comando da campanha amarga derrotas sucessivas pela insistência teimosa em revender Bolsonaro exatamente da mesma forma que em 2018, ignorando a debacle econômica, sanitária e política, Musk continua perdendo e ganhando no playground do mercado financeiro, enquanto usa a rede social que cobiça para reforçar a cartilha do neoliberalismo estratosférico.

Em vez de um Noé moderno, metáfora utilizada pela esposa do ministro Fábio Faria em texto que acompanhava a selfie publicada na rede do concorrente, Musk está mais para o Tio Patinhas, personagem de Walt Disney. Resta saber qual será o personagem do mesmo autor que mais caberá a Bolsonaro, se o Pato Donald, dependente da fortuna alheia, ou o Pateta. •

ELEIÇÕES 2022



A FORÇA DE LULA

A eleição presidencial pode ser encerrada ainda no primeiro turno. O petista tem 54% das intenções de votos válidos, enquanto o líder da extrema-direita segue bem abaixo, com 30%. A diferença é de 24 pontos percentuais. Terceira via empacou

Matheus Tancredo Toledo

As novas pesquisas eleitorais reforçam a polarização entre Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) na sucessão presidencial, com ampla vantagem para o primeiro. Segundo o novo Datafolha, o petista venceria as eleições no primeiro turno com 54% dos votos válidos, contra 30% do líder da extrema-direita. O crescimento de Bolsonaro observado nos meses anteriores

não se manteve em maio.

Segundo o Datafolha, Lula lidera o cenário, com uma vantagem de 21 pontos à frente de Bolsonaro. O petista tem 48% das intenções totais de voto, 5 pontos a mais que a rodada anterior, enquanto o atual presidente figura em segundo lugar, com 27% - um aumento de 1 ponto em relação a março. A pesquisa mostra que a terceira via simplesmente não se viabilizou. Nenhum nome chega a dois dígitos.

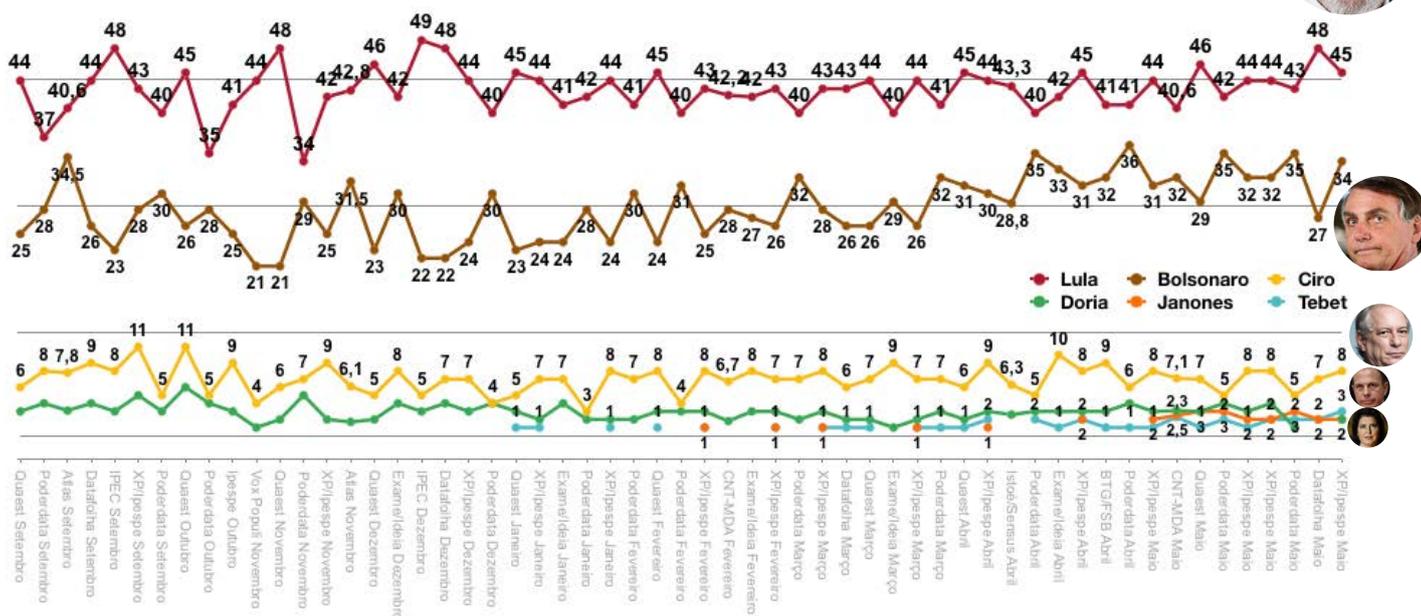
Os candidatos Ciro Gomes (PDT) é quem se sai melhor, com

7%. André Janones (Avante) e Simone Tebet (MDB) têm 2%, cada, e estão empatados. Os outros candidatos pontuaram 1% ou menos. Brancos, nulos e indecisos somam 11%.

No cenário espontâneo, quando o entrevistado é questionado sobre seu voto sem que seja apresentada uma lista de candidatos, Lula chega a 38%. É um aumento de 8 pontos em relação à rodada anterior, enquanto Bolsonaro tem 22%, Ciro 2%, Tebet 1% e outros 29% dizem não saber em quem votar. A pesquisa

Evolução da sucessão presidencial pelas pesquisas de opinião

De setembro de 2021 a maio de 2022



Elaboração: Noppe/FPA

foi realizada entre os dias 25 e 26 de maio, com 2.556 entrevistas presenciais e margem de erro de 2 pontos percentuais.

O levantamento do Datafolha reacende a possibilidade de resolução da eleição presidencial de 2022 em primeiro turno. Desde o levantamento anterior, Lula cresceu e houve nova redução no número de candidatos minimamente competitivos - mais recentemente, o ex-governador de São Paulo, João Doria (PSDB), seguiu a fila puxada por Luciano Huck, Luiz Henrique Mandetta, Eduardo Leite e Sergio Moro, desistindo da corrida presidencial após pressão de seu próprio partido.

Neste cenário, Lula atinge 54% dos votos válidos - quando são desconsiderados os brancos, nulos e indecisos, contra 30% de Bolsonaro. Caso a eleição vá para o segundo turno, há uma vantagem ainda maior de Lula, segundo o instituto: Lula teria 58% dos votos totais contra 33% de Bolsonaro, uma distância de 25 pontos percentuais.

De acordo com o Datafolha, a vantagem de Lula no primeiro turno se dá por meio de sua

força em diversos segmentos da sociedade, entre os quais se destacam: as mulheres (Lula 49% x 23% Bolsonaro), quem tem entre 16 e 24 anos (Lula 58% x 21% Bolsonaro), a base da pirâmide social brasileira (Lula 56% x 20% Bolsonaro), os entrevistados que se declaram de raça/cor preta (Lula 57% x 23% Bolsonaro), o Nordeste brasileiro (Lula 62% x 17% Bolsonaro), os desempregados (Lula 57% x 16% Bolsonaro) e os beneficiários do Auxílio Brasil (Lula 59% x 20% Bolsonaro).

Bolsonaro supera o ex-presidente entre os evangélicos - Lula 36% x 39% Bolsonaro, um empate dentro da margem de erro. O líder da extrema-direita também lidera entre os empresários - Bolsonaro 56% x 23% Lula - e quem possui renda superior a 10 salários mínimos - Bolsonaro 42% x 31% Lula.

Outros institutos, como Ipespe e PoderData, mostram a situação um pouco mais favorável a Bolsonaro. Com metodologias distintas entre si e em relação ao Datafolha - o Ipespe utiliza a coleta telefônica com operadores humanos e o Poderdata

uma central automatizada -, trazem cenários distintos. Segundo o PoderData, Lula tem 43% das intenções de voto em primeiro turno e Bolsonaro 35%. Em seguida, Ciro (5%), Janones (3%), Tebet (2%), Doria (1%), Eymael (1%) e Luciano Bivar (1%).

Segundo o Ipespe, Lula tem 45% contra 34% de Bolsonaro, seguido por Simone Tebet (3%), Joao Doria (2%) e André Janones (2%). A desistência de Doria ocorreu durante a coleta de entrevistas de ambos os institutos.

Considerando a margem de erro do Ipespe (3,2 pontos percentuais), a pesquisa se aproxima do quadro apresentado pelo Datafolha - diferente da PoderData. Em artigos para a Focus Brasil e em nota metodológica, o Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo, já apontou que pesquisas remotas subestimam o voto da base da pirâmide social, do público menos escolarizado e afastado das áreas urbanas. •

Cientista político com mestrado na PUC-SP, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (NOPPE), da Fundação Perseu Abramo.



DIÁLOGO Lula e Alckmin se reuniram com representantes dos movimentos populares na Casa Portugal, em São Paulo

OÁSIS PARA O POVO COM SEDE

Em encontro com movimentos sociais, Lula compara o momento atual com a travessia de um deserto, mas garante que o oásis, representado pela sua candidatura, terá água suficiente para todos

Lula recorreu à imagem de um povo que cruza o deserto, sedento, e que se depara com um oásis, para definir o significado de sua candidatura à Presidência da República. No encontro com movimentos populares, realizado sexta-feira, 27, em São Paulo, o ex-presidente, líder nas pesquisas eleitorais, demonstrou confiança na vitória em outubro. “É preciso parar de dizer não ao povo sofrido”, declarou.

“Estava ouvindo o discurso de vocês e imaginando o que está me esperando quando eu voltar

a governar este país. Eu falei, puxa vida, este povo está com sede. Este povo está, desde 2016, querendo beber um pouco de democracia, beber um pouco de participação, querendo beber um pouco de respeito, querendo beber um pouco de dignidade, e não deram a eles”, disse.

“É como se a gente estivesse num deserto, todo mundo com sede, e de repente aparecesse um oásis e a gente está correndo pra lá, e a gente não sabe se tem água pra todo mundo. Então, fico imaginando, Alckmin, quando a gente ganhar, essa quantidade

de gente correndo, para pedir os direitos que o Estado brasileiro deve a eles, a dificuldade que a gente vai ter, com a sede que eles estão”, discursou, mencionando o ex-governador Geraldo Alckmin, seu companheiro de chapa, que o ladeava no palco da Casa de Portugal, que abrigou o encontro.

Mas a travessia não será em vão. “A cobrança que vocês estão fazendo é uma cobrança verdadeira, é uma cobrança histórica, e a única razão pela qual nós temos interesse de disputar a eleição é a gente poder provar que o Estado brasileiro pode atender e tratar



RESPEITO Durante o encontro, um minuto de silêncio em homenagem a Genivaldo Santos, morto pelas mãos de agentes da Polícia Rodoviária Federal

vocês com a dignidade que o movimento social e o povo trabalhador brasileiro precisam”, afirmou. “Naquele palácio cabe o povo brasileiro”, disse Lula, como quem aponta para o Palácio do Planalto como a concretização do oásis que se vislumbra.

Durante o discurso, Lula se referiu com bastante confiança à vitória em outubro. Mesmo quando advertiu que o atual presidente “não é um adversário fraco”, por conta das recorrentes ameaças. “Ele vive dizendo que só Deus vai tirar ele de lá. Pois eu quero que ele saiba que o povo é a voz de Deus e o povo vai tirá-lo de lá”, afirmou.

O encontro de Lula e Alckmin reuniu representantes de 87 organizações dos movimentos sociais. Antes dos discursos, líderes revezaram-se ao microfone para apresentar reivindicações como moradia popular, reforma agrária,

emprego, proteção ao meio ambiente e defesa da vida dos povos negro e indígena, alvos constantes da extrema-direita encarnada no bolsonarismo.

Como reflexo da semana que passou, um dos principais clamores foi pelo fim das mortes causadas pela violência policial. Na terça, 24, ao menos 23 pessoas foram mortas na chacina da Vila Cruzeiro, na zona norte do Rio. Apenas um

dia depois, foi assassinado Genivaldo Santos, asfixiado na traseira de um camburão da Polícia Rodoviária Federal, à luz do dia e diante de testemunhas que filmaram a cena, em Umbaúba (SE).

Um minuto de silêncio pelos mortos foi pedido por Simone Nascimento, da coordenação do Movimento Negro Unificado. Cartazes com a frase “Justiça por Genivaldo” foram empunhados pela plateia

LULA: “MEU COMPROMISSO É RECUPERAR ESTE PAÍS PARA QUE AS PESSOAS QUE MORAM NA PERIFERIA SEJAM TRATADAS COM RESPEITO”

e por Lula e Alckmin. Sem fazer referência direta a nenhum dos dois acontecimentos, Lula afirmou depois, em seu discurso, que é preciso parar de dizer não aos que pedem respeito aos direitos humanos.

“O compromisso que eu tenho é a gente recuperar este país para que as pessoas que moram na periferia sejam tratadas com respeito, que tenham acesso aos bens que o Estado tem de oferecer, tudo o que é preciso para viver dignamente”, disse.

As entidades do movimento social entregaram um conjunto de reivindicações, intitulado Superar a crise e reconstruir o país. Entre as propostas, a desmilitarização das polícias e o estabelecimento de mecanismos de controle social junto às forças de segurança. A mudança da legislação de combate às drogas e da política de encarceramento também faz parte das bandeiras apresentadas. “Para que não tenhamos mais Genivaldos nem Vilas Cruzeiros”, entoou um dos participantes do jogral que deu início ao encontro e apresentou, com vozes diferentes, as principais demandas dos movimentos sociais.

Lula ainda lembrou que os mesmos movimentos ali presentes já haviam realizado protestos contra seu governo e o de Alckmin, quando estava à frente do estado de São Paulo. Ele estimulou os presentes a manter a postura de cobrança. Segundo o ex-presidente, isso move os governos na direção certa.

Em breve intervenção que antecedeu a de Lula, Alckmin resumiu: “Esse é um momento histórico, com os principais movimentos populares. É assim que se faz. Não é fazendo motociata, mas junto do povo. É assim que se faz um projeto de um governo democrático e popular, em que os movimentos sociais terão vez e voz. Chega de sofrimento e de exclusão”. •



VÍTIMA Funeral de Gabrielle Cunha, 41 anos, morta por “bala perdida” durante batida policial na favela Vila Cruzeiro

MAIS UMA CHACINA NO RIO

Durante incursão de tropas do Bope em favela, pelo menos 23 pessoas foram mortas. A operação já é uma das mais mortíferas do governo Cláudio Castro. E Bolsonaro comemora: “Parabéns aos guerreiros que neutralizaram pelo menos 20 marginais ligados ao narcotráfico”

A Polícia Militar carioca continua a cometer erros fatais durante suas incursões para reprimir o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Na terça-feira, 24, pelo menos 23 pessoas foram mortas a tiros e sete ficaram feridas durante uma operação do Bope na favela Vila Cruzeiro, que deveria capturar os líderes do narcotráfico. A tragédia chocou o Brasil e ganhou repercussão internacional.

O Ministério Público Federal

(MPF) e o Ministério Público do Estado do Rio (MP-RJ) abriram procedimentos investigatórios para apurar a conduta dos policiais na operação. Defensores públicos estiveram na comunidade. O governador Cláudio Castro (PL) comentou o episódio: “Política de segurança no Rio de Janeiro, infelizmente, exige do poder público demonstração de força e autoridade. Confronto, numa palavra. Coragem, noutra”.

As mortes incluíram uma mulher atingida por uma “bala per-

dida” no que a polícia chama de troca de tiros entre membros de gangue e policiais na favela Vila Cruzeiro. O presidente Jair Bolsonaro comemorou. Ele agradeceu aos policiais da PM. “Parabéns aos guerreiros do Bope e da PM do Rio que neutralizaram pelo menos 20 marginais ligados ao narcotráfico em confronto”, escreveu, em seu perfil no Twitter.

Ex-governadora do Rio, a deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ) pediu um basta à truculência da polícia. “O que se faz no Rio de



PROTESTO Moradores alertam para o aumento da violência da PM do Rio

Janeiro, como disse infelizmente o jornalista Reinaldo Azevedo, “é oferecimento de carne preta aos canibais em ano eleitoral”. É o que fez o governador Cláudio Castro, com apoio policial e motivação do governo Bolsonaro (PL), propagador do ódio contra os mais pobres, que são as principais vítimas do despreparo das polícias e do armamento indiscriminado”, denunciou.

O número de mortos coloca o incidente entre as operações policiais mais mortíferas do Rio. Acontece um ano depois de uma batida na favela do Jacarezinho ter deixado 28 mortos, provocando denúncias de abuso e execuções sumárias. O episódio provocou protestos e também reacendeu o debate sobre o uso adequado da força policial no Rio.

Os promotores públicos do estado do Rio disseram em comunicado que abriram uma investigação criminal. Eles deram 10 dias para a PM fornecer detalhes sobre a operação, indicando quais soldados foram responsáveis por cada morte e a justificativa para o uso da força letal, segundo o comunicado.

A operação foi realizada em conjunto pela Polícia Militar e Polícia Rodoviária Federal, que não tem jurisdição para isso. A polícia

apreendeu 16 veículos, 13 fuzis automáticos, além de pistolas e granadas, segundo o comunicado do Bope.

A mulher morta foi identificada como Gabriele Cunha, de 41 anos, atingida por uma bala perdida apesar de morar em uma favela vizinha chamada Chatuba. As escolas não abriram para as aulas.

No início do ano, o Supremo Tribunal Federal estabeleceu uma série de condições para a polícia realizar batidas nas favelas do Rio como forma de reduzir os assassinatos cometidos pela polícia e as violações dos direitos humanos.

O tribunal decidiu que a força letal deve ser usada apenas em situações em que todos os outros meios tenham sido esgotados e quando necessário para proteger a vida, e deu à polícia 180 dias para instalar dispositivos de gravação de áudio e vídeo em seus uniformes e veículos.

Segundo o secretário da Polícia Militar, coronel Luiz Henrique Marinho, a operação ainda estava em planejamento, mas foi antecipada diante da suspeita de que os traficantes estariam preparando a invasão de outra comunidade. Segundo ele, a polícia foi recebida a tiros e “houve confronto”. •

PM E PRF ADMITEM 10 DAS 23 MORTES

Nove soldados da PM do Rio e três agentes da Polícia Rodoviária Federal ouvidos na Delegacia de Homicídios apresentaram 12 fuzis e admitiram participação em confrontos, na localidade conhecida como Vacaria, numa região de mata da Vila Cruzeiro, no Complexo da Penha, onde dez pessoas foram mortas. O tiroteio aconteceu no último dia 24, durante uma operação da PM e PRF.

Agentes da Delegacia de Homicídios tentam montar um quebra-cabeças para saber as circunstâncias em que outras 13 pessoas, mortas na mesma ação, foram baleadas e em que parte da comunidade estavam quando foram mortas. No total, houve 23 mortes na operação, que está sendo investigada pela Polícia Civil. A operação é considerada a segunda mais letal da história do Rio, atrás somente da ação no Jacarezinho, de maio de 2021, que resultou em 28 mortes.

A maior parte desses 13 baleados foi levada por parentes ou moradores para o Hospital Getúlio Vargas, na Penha, no Rio, onde as mortes foram atestadas. A Polícia Civil já ouviu alguns parentes para colher informações. O teor dos depoimentos já colhidos é mantido em sigilo.

O Ministério Público Federal estipulou prazo de 72 horas para que a Polícia Rodoviária Federal informe os nomes e as matrículas de todos os agentes envolvidos na operação. A medida é parte de um procedimento instaurado pelo procurador Eduardo Benones que apura detalhes da atuação da corporação nesta e em outras operações na cidade. •



FLAGRANTE DA TORTURA Agentes da PRF mantiveram imobilizado Genivaldo no porta-malas da viatura, onde estava instalada uma câmera de gás lacrimogênio

UM ANO DEPOIS, UM NOVO CASO GEORGE FLOYD

Um novo flagrante de violência policial acontece no Brasil, um ano depois de vítima ter sido assassinada por asfixiamento nos EUA. O mundo assiste chocado à truculência da PRF, que decide imobilizar um motociclista que estava sem capacete e torturá-lo, jogando-o numa câmara de gás improvisada no camburão de viatura policial. Genivaldo de Jesus morreu asfixiado

O Brasil assistiu chocado, na última semana, a um lamentável e criminoso caso de abuso policial. Assim como na morte de George Floyd, em maio de 2021, um homem inocente foi capturado por agentes da Polícia Rodoviária Federal, imobilizado, e colocado a aspirar gás lacrimogênio numa viatura policial.

Genivaldo de Jesus dos Santos, 38 anos, foi asfixiado até a morte na tarde de quarta-feira, 25, durante abordagem de agentes da PRF numa operação em Umbaúba (SE). As imagens feitas por populares flagram dois agentes da PRF colocando Genivaldo de forma truculenta na traseira de uma viatura e lançando gás no interior do veículo.

O escritório de Direitos Humanos da ONU para a América

do Sul emitiu um comunicado cobrando das autoridades brasileiras uma investigação “célebre e completa”, sobre a morte de Genivaldo. “A morte, em si chocante, mais uma vez coloca em questão o respeito aos direitos humanos na atuação das polícias no Brasil”, disse o chefe do escritório, Jan Jarab.

Segundo a imprensa sergipana, Genivaldo foi abordado enquanto guiava uma motocicleta sem capacete, portando no bolso apenas medicamentos. Ele sofria de transtornos mentais e, segundo a família, tinha esquizofrenia, mas estava medicado e em tratamento.

Uma autópsia do instituto médico forense de Sergipe, vista pela agência Reuters, descobriu que ele morreu de asfixia mecânica. “Esta obstrução pode ocorrer

por vários fatores, e neste primeiro momento não foi possível estabelecer a causa imediata da asfixia, nem como ela ocorreu”, aponta o laudo.

O PT protestou no Congresso Nacional contra o assassinato de Genivaldo e a atitude dos agentes policiais. “Polícia Rodoviária aborda um indivíduo, coloca-o no fundo do camburão e mata o indivíduo asfixiado com fumaça. Estou aqui chocado com as cenas. Policial rodoviário federal mata cidadão asfixiado. Fecha a porta do carro, tampa, e mata o sujeito. Isso é um assassinato, feito pela Polícia Rodoviária Federal. Isso é muito grave. Onde estamos?”, denunciou o senador Rogério Carvalho (PT-SE), no plenário do Senado.

Em nota, a PRF informou que vai apurar a conduta dos policiais envolvidos. Mas, no comunicado à imprensa, tenta justificar a truculência, apontando que Genivaldo “resistiu ativamente a uma abordagem” dos agentes e que “foram empregadas técnicas de imobilização e instrumentos de menor potencial ofensivo para sua contenção”.

No dia seguinte ao assassinato, o líder do PT na Câmara, Reginaldo Lopes (MG), e os deputados federais João Daniel (PT-SE) e Márcio Macêdo (PT-SE), entraram com projeto de lei concedendo pensão especial e indenização a Maria Fabiane dos Santos, esposa de Genivaldo.

A bancada do PT ainda apresentou um requerimento à Comissão de Trabalho no qual pediu a convocação do ministro da Justiça, Anderson Torres, e o convite ao diretor-geral da Polícia Rodoviária Federal (PRF), Silvinei Vasques. O PT quer que o ministro e o diretor da PRF dêem explicações sobre a abordagem de agentes rodoviários federais que levou à morte de Genivaldo. •



Ricardo Struekert

COMO O PT SALVOU O BRASIL? AMPLIANDO A OFERTA DE MORADIAS

Com Lula e Dilma, o Brasil passou a ter um programa de moradia popular para famílias com renda de até três salários mínimos. A média anual de unidades foi mais de quatro vezes superior à verificada nos governos de Fernando Henrique Cardoso

Eduardo Fagnani *
Gerson Gomes **
Guilherme Mello ***

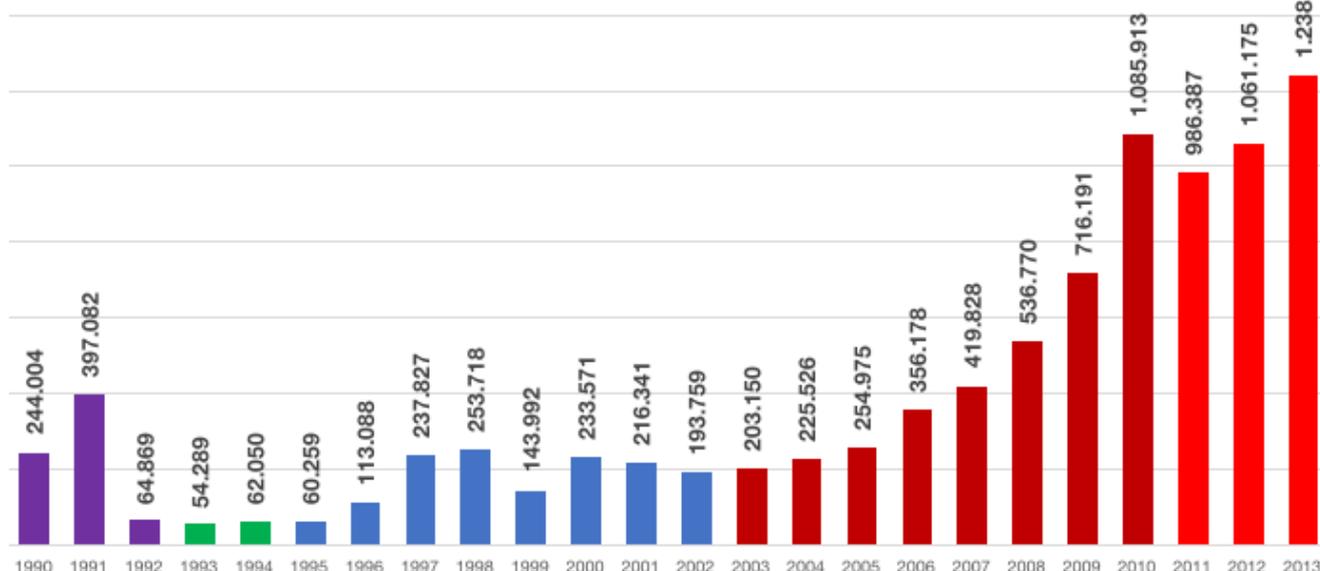
Este é o vigésimo sétimo artigo de uma série organizada para oferecer fatos e números que desconstruem as mentiras circulantes, segundo as quais a política econômica do PT teria “quebrado o Brasil”. Apresentamos aqui dados do programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV),

como bom exemplo da expansão dos investimentos sociais.

A partir de 2003 foi esboçada uma política de desenvolvimento apoiada na ampliação dos investimentos e na criação de um mercado de consumo assalariado formado a partir de políticas de distribuição de renda, de expansão e formalização do emprego,

Número de unidades habitacionais financiadas. Gráfico 1

Caixa Econômica e mercado. Período: 1995 a 2013



Fonte: Caixa Econômica Federal. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século XXI, maio de 2021.

na democratização do crédito e na expansão do gasto social federal, que passou de 12,2% para 17,5% do PIB entre 2002 e 2015.

Além do aporte aos programas de transferência de renda para os mais pobres – via Seguridade Social e Bolsa Família, por exemplo –, também houve expansão dos investimentos na ampliação da oferta de bens e serviços sociais: saúde, educação, saneamento, habitação e mobilidade, dentre outros.

Sobre o MCMV, com a criação do Ministério das Cidades (2003), foram adotadas medidas para reorientar a política de habitação popular, abandonada pelos governos anteriores. O Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social e o Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social, formado com recursos fiscais do Orçamento Geral da União, foram criados para subsidiar as ações voltadas para as famílias com renda mensal de até três salários-mínimos. Outra medida relevante foi a decisão de utilizar recursos subsidiados do FGTS em programas voltados para as famílias com renda inferior a cinco salários-mínimos.

A ampliação nos gastos em

habitação sofreu importante inflexão com a criação do MCMV, em 2008. Em relação ao passado recente, houve forte aumento no número de unidades habitacionais financiadas pela Caixa Econômica Federal e pelo mercado (Gráfico 1). Note-se que a média anual de financiamentos habitacionais concedidos subiu de 181,5 mil, entre 1995 e 2002, para 259,9 mil, entre 2003 e 2006. Entre 2007 e 2010, chegou a 689,7 mil. E, entre 2011 e 2013, saltou a 821,6 mil.

A média anual de unidades financiadas no segundo mandato de Lula foi mais de três vezes e meia superior à verificada nos governos de FHC. E, no primeiro mandato de Dilma, entre 2011 e 2013, essa média foi mais de quatro vezes e meia superior à média do período 1995 e 2002.

O Gráfico 2 mostra a entrega efetiva de unidades habitacionais produzidas no âmbito do MCMV. Durante os governos do PT, entre 2009 e 2015, foram entregues mais de 2,5 milhões de unidades. Nos governos Temer e Bolsonaro, por conta de financiamentos contratados nos governos petistas, foram entregues mais de 1,8 milhão de unidades.

O mais importante, no entan-

to, é que, pela primeira vez, as famílias com renda inferior a três salários-mínimos passaram a ser atendidas pela política habitacional. É preciso considerar que o Brasil nunca contou com efetiva Política Nacional de Habitação Popular. As sucessivas políticas habitacionais implantadas desde 1964 mostraram-se inacessíveis às famílias situadas nas classes de rendimento mensal familiar inferior ou igual a três salários-mínimos, que representam mais de 80% das famílias brasileiras.

Portanto, também nesse caso, não se sustenta a afirmação de que a “crise”, que teria sido gerada pelos governos do PT, teria sido “irresponsabilidade fiscal”. O que o PT fez foi ampliar significativamente a oferta de moradias populares, com o que a vida dos brasileiros efetivamente melhorou. •

* Doutor em Economia pela Universidade de Campinas (Unicamp) e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho (Cesit), da Unicamp.

** Membro do Conselho do Centro de Altos Estudos do Brasil para o Século 21. Foi funcionário de carreira da FAO e da CEPAL e assessor econômico no Senado Federal e na Câmara dos Deputados.

*** Professor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica (Cecon), da Unicamp.

Reprodução/UNE



29 de maio de 1979

15 ANOS DEPOIS DE SER TORNADA ILEGAL PELO GOLPE, A UNE É REFUNDADA

Representantes de estudantes de todo o país elegem abertamente a primeira diretoria da União Nacional dos Estudantes depois de a entidade ter sido tornada ilegal pela ditadura militar, em 1964. Isso ocorreu em 29 de maio de 1979, marcando a reorganização da UNE.

Havia pelo menos dois anos em que estudantes lutavam pela reconstrução da entidade, período durante o qual dois encontros nacionais foram brutalmente reprimidos. Também nesse intervalo

foram organizadas diversas entidades autônomas, como o Diretório Central dos Estudantes Livre Alexandre Vannucchi Leme e as Uniãos Estaduais de Estudantes.

O 31º Congresso da União Nacional dos Estudantes foi realizado no Centro de Convenções de Salvador (BA). Na abertura do encontro, falou o último presidente legal da UNE, o economista José Serra, que havia acabado de retornar do exílio.

Uma cadeira vazia no palco da solenidade denunciava a morte

do último presidente da entidade em sua fase clandestina, Honestino Guimarães, desaparecido desde 1973. O congresso elegeu Ruy César Costa da Silva para presidir a UNE.

Dentre as principais pautas defendidas pelo movimento estudantil organizado naquele tempo, destacavam-se: 1) o ensino público e gratuito; 2) a libertação dos estudantes presos por atividades políticas; e 3) a anistia ampla, geral e irrestrita para todos os presos, cassados, banidos e exilados.

Outras datas históricas

01/06/1955: Nascimento de Régis Frati, militante do PCB e do PT.

27/05/1964: Fundação da Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC).

01/06/1964: Aprovada a Lei Antigreve que proibiu paralisações do setor público, estatais e serviços "essenciais".

29/05/1969: Cordobazo (Argentina).

31/05/1980: Aprovado o programa e o estatuto do PT.

30/05/1986: 4º Encontro Nacional do PT, em São Paulo.

31/05/1990: 7º Encontro Nacional do PT, em São Paulo (SP).

28/05/2003: Criação da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca.

01/06/2009: Mauricio Funes toma posse como presidente de El Salvador.

02/06/2011: Lançamento do Plano Brasil sem Miséria pela presidenta Dilma Rousseff.

01/06/2014: Salvador Sánchez toma posse como presidente de El Salvador.

01/06/2017: 6º Congresso Nacional do PT, realizado em Brasília (DF).



Maio de 2009

PROGRAMA LUZ PARA TODOS BENEFICIA 10 MILHÕES

Casas ou comunidades inteiras sem acesso à energia elétrica pode parecer coisa de filme de época, mas era a realidade de milhões de brasileiros e brasileiras em pleno século 21. As coisas começaram a mudar com o programa Luz para Todos, criado em 2003, pelo governo Lula. Com menos de seis anos de atividade, em maio de 2009 o programa atingiu a marca de 10 milhões de famílias beneficiadas – número equivalente a 80% dos sem-luz no Brasil naquele tempo.

O Luz para Todos nasceu com o objetivo de garantir que populações isoladas no interior do país e nas regiões metropolitanas das grandes cidades tivessem acesso ao mínimo: um ponto de luz em suas casas. Foi um projeto pioneiro levado adiante pela então ministra das Minas e

Energia, Dilma Rousseff.

Dados de 2003 indicavam que 90% das famílias sem acesso à energia elétrica tinham renda inferior a três salários mínimos. A implantação do programa estava, portanto, diretamente associada à estratégia de investir recursos na redução da miséria e da pobreza, priorizando os municípios com baixo Índice de Desenvolvimento Humano.

Em outras tentativas de realizar uma política nacional de eletrificação em pequenas comunidades rurais, realizadas por outros governos, os beneficiados arcavam com os custos da instalação – o que na prática inviabilizava as iniciativas. No Luz para Todos, os recursos são do governo federal e dos parceiros estaduais, sem nenhum custo de instalação para o usuário.

1º de junho de 2010

TRABALHADORES REALIZAM 2ª CONCLAT

Quase 30 anos após a primeira edição, em 1º de junho de 2010 aconteceu em São Paulo a 2ª Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat). O evento levou ao estádio do Pacaembu cerca de 30 mil trabalhadores e trabalhadoras de todo o país, de diversas categorias e ramos de atividade econômica, além de representantes de movimentos sociais, dos trabalhadores do campo e de aposentados e pensionistas.

A Conclat foi promovida por cinco das principais centrais sindicais do Brasil – Central Única dos Trabalhadores (CUT), Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB), Força Sindical e Nova Central Sindical dos Trabalhadores – simbolizando a força da unidade da classe trabalhadora.

O saldo do encontro foi um documento batizado de Agenda da Classe Trabalhadora, que continha uma verdadeira plataforma de governo, com 250 itens divididos em seis eixos estratégicos. Além da distribuição aos trabalhadores brasileiros, o documento também foi entregue aos candidatos à Presidência da República naquele ano.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização.

Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br memorialdademocracia.com.br

O BRASIL PERDE JACÓ BITTAR

Ex-presidente Lula lamenta a morte de ex-prefeito de Campinas, que foi um ativo militante sindical, fundador do PT e da CUT e dirigente do Sindicato dos Petroleiros de Campinas e Paulínia



Guilherme Weimann/Sindipetro-SP

O Brasil e o movimento sindical perderam, na última quinta-feira, 26, o ex-prefeito de Campinas e fundador do PT Jacó Bittar (PSB). Ele faleceu aos 81 anos em sua casa, no interior de São Paulo. Ele vivia em Campinas, cidade que administrou entre 1989 e 1992, ainda no PT, e tinha mal de Parkinson. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que era amigo de Jacó desde os anos 70, lamentou a passagem do sindicalista.

“Foram anos e anos de luta juntos por um país melhor e mais justo, e de uma convivência querida e carinhosa, uma grande amizade entre nossas famílias e filhos”, disse Lula, em nota. “Jacó deu uma contribuição imensa para os petroleiros, a classe trabalhadora, Campinas e o Brasil”.

Bittar participou da primeira grande leva de prefeitos eleitos pelo PT durante a redemocratização. Ele foi eleito para a Prefeitura de Campinas, maior cidade do

interior, em 1988, quando Luiza Erundina (hoje PSOL) e Telma de Souza (PT) ganharam na capital e em Santos, respectivamente.

O ex-prefeito de Campinas e sindicalista ficou no partido até 1991, em meio a desavenças com o vice, Toninho, que se tornaria prefeito da mesma cidade em 2001 e foi assassinado no cargo. Bittar se mudou para o PSB, mas a amizade com antigos companheiros seguiu.

Ele era o dono formal do sítio de Atibaia, frequentado pelo ex-presidente e que gerou uma das condenações de Lula na Lava Jato em 2018, anulada pelo Supremo Tribunal Federal, no ano passado.

À época, seu nome e do seu filho, Fernando, chegaram a ser sondados pela operação comandada pelo então juiz Sergio Moro. Bittar afirmou que o sítio era dele e que Lula tentou comprá-lo, mas a propriedade não foi vendida.

“A partir de 2014, o Lula teve algumas conversas comigo e com

o Fernando dizendo que queria comprar o sítio porque o usava mais do que nós e se sentia constrangido com a situação”, declarou, em 2018. “Eu sempre fui contra a venda e disse que eles poderiam usar o quanto quisessem e que isso me deixava feliz”. Desde aquela época, Bittar defendia Lula no processo e relatou a amizade, no documento.

“Tenho os filhos do Lula como se fossem meus próprios filhos e sei que ele tem o mesmo sentimento e relação com meus filhos”, contou o ex-prefeito na manifestação anexada ao processo. Lula o visitou em sua casa em maio. “Emocionei-me em ver meu amigo sem saber que seria pela última vez”, disse o ex-presidente.

Jacó Bittar liderou com Lula e [o ex-governador gaúcho] Olívio Dutra uma geração de jovens dirigentes sindicais que resistiram à ditadura militar e escreveram páginas decisivas na história da democracia brasileira. •



**COMITÊ
POPULAR
DE LUTA**

A red fist icon with the index finger pointing upwards, positioned below the word 'LUTA'.

Saiba como criar um comitê
pt.org.br

BICENTENÁRIO

1822 2022



**DUZENTOS ANOS DE LUTA
PELA INDEPENDÊNCIA**



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

20
anos

Centro
**Sérgio
Buarque
de Holanda**
Documentação e
Memória Política
Instituído em 2001